

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ  
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE  
ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOLOGIA ANALÍTICA**

**ALEXANDRE FELIPE PACINI**

**ASPECTOS SOBRE A TRANSFERÊNCIA E A CONTRATRANSFERÊNCIA SOB  
UM OLHAR JUNGUIANO**

**CURITIBA**

**2010**

**ALEXANDRE FELIPE PACINI**

**ASPECTOS SOBRE A TRANSFERÊNCIA E A CONTRATRANSFERÊNCIA SOB  
UM OLHAR JUNGUIANO**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Psicologia Analítica do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, como requisito à obtenção do título de Especialista.

ORIENTADORA: Prof.<sup>a</sup> Dra. Jussara Maria Janowski Carvalho.

**CURITIBA**

**2010**

**ALEXANDRE FELIPE PACINI**

**ASPECTOS SOBRE A TRANSFERÊNCIA E A CONTRATRANSFERÊNCIA SOB  
UM OLHAR JUNGUIANO**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Psicologia Analítica do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, como requisito à obtenção do título de Especialista.

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Professora Dra. Jussara Maria Janowski Carvalho  
Pontifícia Universidade Católica do Paraná

---

Professora Rudinalva Alves Silveira  
Pontifícia Universidade Católica do Paraná

---

Professor Msc. Juliano Maluf Amui  
Pontifícia Universidade Católica do Paraná

*À minha esposa, eterna inspiração.*

*Aos pais, exemplos.*

*À querida irmã, companheira.*

## **AGRADECIMENTOS**

À orientadora e professora Jussara, pelo suporte e paciência na leitura do trabalho e nas indicações, bem como por proporcionar um espaço de discussão aberta e reflexão, na academia, em torno da obra de Jung.

Aos professores e colegas de especialização, pela imensa riqueza nas trocas e colocações, nas discordâncias respeitosas e nos almoços em companhia.

Aos pais, Valdir e Selvia, sem os quais não haveria a possibilidade de enfrentar a maratona de viagens, pelo eterno incentivo, pelo apoio e amor incondicional, pela presença marcante.

À irmã, Renata e sua filhota, pelas calorosas acolhidas em sextas e sábados de frio e sono, pelas risadas e caronas.

À esposa, Christiane, pela mistura de choros e sorrisos, dentre partidas e chegadas, pela imensa paciência com a distância, pela inspiração, pela revisão atenta e cuidadosa deste trabalho e por viver ao meu lado, dividindo e compartilhando.

*“Like reflections on the page,  
The world’s what you create”*

*“Como reflexões em uma página,  
o mundo é aquilo que você cria”*

*Dream Theater*

## RESUMO

A problemática envolvendo a questão conceitual e prática dos fenômenos de transferência e contratransferência na psicologia analítica proporciona muitas discussões e desencontros. Há, dentre os autores, variados pontos de vista, muitas vezes discordantes. O presente trabalho teve por objetivo levantar esta problemática, proporcionando subsídios teóricos para a reflexão quanto à existência ou não desses fenômenos na análise, sua necessidade enquanto fundamento para a prática e sua utilidade no contexto da análise. Desse modo, partiu-se das relações conceituais entre transferência e contratransferência enquanto formas de projeção, para se entender então que são ocorrências inevitáveis, enquanto movimentos inconscientes. Obviamente, a influência do pensamento freudiano é ainda muito forte, o que causa confusões dentre alguns autores, que acabam caracterizando as projeções entre analista e analisando como mecanismos de defesa, relacionados aos recalques infantis e eróticos. A ampliação junguiana inicia com a abordagem simbólica, a partir de imagens profundamente arraigadas na psique, totalmente ligadas aos fenômenos que acontecem durante a análise. Entre essas imagens arquetípicas, detalha-se a *coniunctio*, a figura de Hermes, o *vas hermeticum* e Esculápio. Com elas, é possível perceber como a transferência e a contratransferência assumem um papel central na análise junguiana, tendo como função principal *trancender* os opostos do psiquismo. Dentro de uma visão prospectiva, típica da psicologia analítica, as projeções entre terapeuta e paciente têm – além de causas – objetivos pelos quais acontecem. Facilitando a conjunção dos opostos, transferência e contratransferência movimentam a alma humana e, assim, são mediadores do processo de individuação.

Palavras-chave: Psicologia analítica. Transferência. Contratransferência. Projeção.

## ABSTRACT

The problematic involving the conceptual question of the transference and countertransference phenomena on analytical psychology provides many discussions and misunderstandings. There are, amongst the authors, a lot of contrary perspectives, with a certain frequency. This work searched to mobilize this problematic, providing theoretical sustenance for reflections about the existence of these phenomena in the analytical context. Thus, it was initiated by relating the transference and countertransference concepts as forms of projection, understanding them as inevitable occurrences, since they are unconscious movements. Obviously, the influence of Freudian thought is very strong yet, what causes confusion amongst some writers, who finish characterizing projections between analyst and patient as defense mechanisms, related to infantile and erotic repression. The Jungian change initiates with a symbolic approach, from images deeply established in psyche, totally connected to the analysis' occurring phenomena. Some archetypal images were detailed: the *coniunctio*, the Hermes figure, the *vas hermeticum* and Esculapius. With these, it is possible to note how central is the target of transference and countertransference over the Jungian analysis, becoming their main function to *transcend* the psychic opposites. Through a prospective thinking, typical for analytical psychology, projections between therapist and patient have – beyond causes – goals to reach. Favoring the opposites conjunction, transference and countertransference mobilize the human soul and, consequently, become mediators of the individuation process.

Key-words: Analytical psychology. Transference. Countertransference. Projection.



## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO .....	9
2 TEORIA JUNGUIANA DA PROJEÇÃO .....	12
3 TRADIÇÃO FREUDIANA.....	20
4 TRANSFERÊNCIA E CONTRATRANSFERÊNCIA COMO PROJEÇÕES.....	26
5 FUNÇÃO TRANSCENDENTE E A CONIUNCTIO .....	39
6 O TRABALHO DA ALMA E A TELEOLOGIA JUNGUIANA .....	47
7 IMAGENS DA RELAÇÃO ANALÍTICA.....	57
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	64
REFERÊNCIAS .....	68

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem a difícil missão de tratar teoricamente de um assunto que é parte da prática da psicoterapia e que, portanto, possui todas as qualidades típicas da vivência humana: mistério, subjetividade, facetas diversas e inúmeras possibilidades. De forma que a grande dificuldade está na complexidade e amplitude do fenômeno que me arrisco a trabalhar. Enquanto fenômeno humano, a relação analítica se enquadra no inominável e inalcançável pelo recurso limitado da linguagem.

Não é por isso que merece menos respeito. Na realidade, talvez seja esse o maior atrativo e o grande poder de sedução que o assunto promove. Não bastasse isso, os fenômenos da prática da psicoterapia junguiana – em especial a transferência e a contratransferência – contam com um tempero teórico adicional. Além da doce sedução, podemos amargar controvérsias históricas quanto à necessidade deles enquanto parte da cura analítica.

Diante das contradições presentes nos próprios textos de Jung e nas questões impertinentes que vagavam meus pensamentos, percebi no assunto um grande potencial de desenvolvimento e pesquisa. Não por acaso, logo encontrei teóricos que concordavam com minha preocupação.

A maioria da produção existente sobre o tema provém da escola do pensamento freudiano, concebido dentro da teoria e técnica psicanalíticas. “O relacionamento psicológico entre o analista e o paciente ou analisando, tão fundamental para qualquer atividade terapêutica, é relativamente negligenciado na prática e na literatura junguianos” (JACOBY, 1984, p. 9).

Ressalta-se uma primeira preocupação que é a falta de produção teórica e a pouca discussão levantada nos meios junguianos. Em adição, evidencia-se uma discordância entre e “intra” autores quando se refere à transferência e contratransferência, discórdia esta que tem sido discutida e aprofundada somente em trabalhos mais recentes.

STEINBERG (1990) segue esse caminho dizendo que Jung é consistente nos escritos sobre a transferência, sendo que suas idéias foram aprofundadas e enriquecidas. Porém, quanto ao valor dado e à interpretação da transferência, Jung mostrou-se contraditório. PERRY (1997) concorda que há uma divisão de posições

de Jung: em momentos, favorável; e em outros, não favorável à utilidade da transferência. Entende que isso acontece pelo uso de frases fora de contexto.

A contradição dentro do escrito de Jung possui dois lados. Por um, há essa confusão conceitual que preocupa. Por outro, denota o caráter paradoxal e metafórico do psiquismo, que acaba gerando diversos pontos de vista, fato esse sempre destacado por Jung. Além disso, o uso fora de contexto é outro ponto central, a partir do qual muito se confunde.

Mesmo assim, o assunto é polêmico dentro da comunidade junguiana internacional. Há discordância de posições dos autores mais próximos a Jung e a escola de Londres, por exemplo. O que se conclui, é que não há unanimidade e que não se trata disso ser bom ou ruim, mas sim de que cada um escolhe a atitude e a orientação teórica mais confortável (GAMBINI, 2008).

Portanto, parece existir uma grande controvérsia dentro da psicologia analítica quanto à necessidade do uso das projeções entre analista e analisando como instrumento para o bom andamento do processo de análise e, até mesmo, quanto ao real acontecimento dos ditos fenômenos na relação mantida em análise. Diante disso, parece importante aprofundar a discussão em torno do tema, para que se possa evidenciar se há ou não um processo natural de projeção entre paciente e psicólogo e, mais ainda, demonstrar a importância e implicação dessas projeções. Fato esse que motivou inicialmente a realização do presente trabalho.

Outra questão freqüente é certa visão “patológica” da contratransferência. Em outras palavras, “sentir” algo a respeito do paciente ainda parece causar certo constrangimento, preocupação e temor entre os terapeutas. De fato, as implicações clínicas disso são diversas, pois norteiam definitivamente as práticas em psicoterapia.

Pautado pela hipótese de que os processos de transferência e contratransferência são projeções entre analista e analisando, comuns e importantes em todo processo de psicoterapia, realizei um estudo bibliográfico que partiu da idéia de PERRY (1997) de que há cinco aspectos envolvidos com a transferência característicos da visão de Jung: é um fato da vida, comum; é uma forma de projeção; envolve o que se entende por relacionamento “real” entre analista e paciente; possui dimensões arquetípica e pessoal; e serve à individuação no encontro terapêutico.

Dessa forma, optou-se por revisar primeiramente o conceito de *projeção*. A

partir daí, delinea-se a importância da tradição freudiana e sua constante influência na teoria psicológica, em especial na teoria junguiana. À frente, parte-se para o desenvolvimento das características próprias da teoria da psicologia analítica sobre a transferência e a contratransferência. Então, discute-se a proximidade dos conceitos de projeção, transferência e contratransferência; o papel da função transcendente, do símbolo e da *coniunctio* na relação analítica; o trabalho de alma próprio das relações transferenciais e a função teleológica delas; por fim, são apresentadas algumas imagens arquetípicas relacionadas ao fenômeno.

Esse breve trabalho não busca certezas. Inspirado em C. G. Jung, acredito ser este apenas um ponto de vista sobre questões tipicamente humanas. Como tal, não tive a intenção de atingir a complexidade e amplitude do tema, mas sim de apresentar uma perspectiva diferente, levando em conta autores diferentes e, muitas vezes, divergentes. Ainda, a reflexão feita buscou ressaltar a utilidade clínica dos aspectos estudados, pois esse é o maior benefício que se pode obter, o de aplicar os conhecimentos aos pacientes e seus processos de encontro com a alma.

## 2 TEORIA JUNGUIANA DA PROJEÇÃO

Seria impossível travar uma discussão sobre os processos de transferência e contratransferência sem debruçar-se sobre o *fenômeno* da projeção. O destaque dado acima à palavra fenômeno é proposital porque tem grande fundamento dentro da teoria e, principalmente, da psicoterapia junguiana. Isso porque a referida abordagem preferiu caracterizar suas idéias, e dentre elas o fenômeno da projeção, a partir das observações e experiências vivenciadas com as próprias questões subjetivas e as dos pacientes, com prioridade sobre a teorização. Ou seja, antes o fato, depois a teoria.

O fato de Jung ater-se aos fenômenos que observava nas suas experiências pessoais e com os pacientes não é novidade e foi, quase sempre, motivo de muita confusão quando se tentava fazer paralelos entre seu pensamento e o pensamento freudiano. Tanto é verdade que, em uma de suas conferências proferidas na clínica Tavistock, em Londres, em 1935, houve calorosa discussão quanto às diferenças de visão de Jung e Freud. Na ocasião, ele afirmou que queria – através de seus métodos – descobrir fatos psicológicos e não teorias. “Creio que os senhores confundem muito teoria com fato, ficando talvez desapontados que a experiência não revele um complexo de castração ou qualquer coisa do mesmo tipo” (JUNG, 1985a, p. 56).

Partindo desse ponto de vista, Jung observou que a projeção era um fenômeno muito mais natural que defensivo; muito mais comum e mais espontâneo do que relacionado a algum quadro patológico. “Como já assinalei várias vezes, a projeção não é nenhum ato arbitrário, mas um fenômeno natural e característico da natureza da psique humana” (JUNG, 1990, p. 104).

A observação de que a projeção é natural à psique é central, pois imprime a partir de então uma noção de que é comum ao homem projetar. É típico do ser humano relacionar-se através da projeção. Mas, de fato, qual é o conceito junguiano para a projeção?

Ninguém é mais claro, e ao mesmo tempo profundo, em conceituar o mecanismo da projeção do que GAMBINI (1988, p. 36), que afirma:

Começamos perguntando o que é projeção. Em primeiro lugar, é um fato que ocorre involuntariamente, sem qualquer interferência da mente consciente, quando um conteúdo

inconsciente pertencente a um sujeito (um indivíduo ou grupo) aparece como se pertencesse a um objeto (outro indivíduo ou grupo ou o que quer que seja, desde seres vivos até sistemas de idéias, a natureza ou a matéria inorgânica). Como isso ocorre involuntariamente e inconscientemente, o sujeito não sabe que uma projeção está ocorrendo, da mesma forma como é incapaz de produzi-la ou impedi-la.

Do conceito, depreende-se uma série de características inerentes ao processo que chamamos projeção. Uma das suas qualidades essenciais é o caráter autônomo e inconsciente com que ocorre. Em outras palavras, não sou *eu* quem projeta, mas a projeção simplesmente ocorre em função da inconsciência dos conteúdos.

De modo similar, Jung diz que aspectos inconscientes ativados são ao mesmo tempo projetados, ou seja, “ou são descobertos em objetos externos ou se afirma que existem fora da própria psique [...] A projeção [...] não é feita conscientemente pelo indivíduo, mas acontece automaticamente. Tampouco é reconhecida como tal, a não ser que sobrevenham condições especiais que forcem a retração da projeção” (JUNG, 1973a, p. 51).

Ele explica, de modo mais claro, que a probabilidade da ocorrência de projeções decai à medida que nos aproximamos dos conteúdos mais pessoais, justamente devido à facilidade com que tais conteúdos podem tornar-se conscientes (JUNG, 1990, p. 154).

Assim, se assumirmos uma estrutura da psique que contenha conteúdos conscientes, outros inconscientes provenientes da vida pessoal do sujeito e, ainda, conteúdos profundamente inconscientes advindos de um extrato psíquico comum à humanidade, saberemos que são estes últimos os conteúdos que tenderão mais fortemente à projeção, seguindo o raciocínio do psiquiatra suíço.

Se realmente existe um inconsciente que não é pessoal, [...], então deve haver necessariamente processos intrínsecos a esse Não-Eu, acontecimentos arquetípicos espontâneos que só podem ser captados pela consciência através de projeções. [...]. Ele se manifesta nas fantasias, nos sonhos e alucinações, bem como em certos estados de êxtase religioso (JUNG, 1990, p. 155).

A referência acima demonstra novamente a grande importância dada pelo autor à projeção. Tão importante que é através dela, e somente através dela, que os conteúdos arquetípicos poderão ser integrados à consciência. Essa afirmação denuncia uma descoberta que Jung foi levado a realizar no decorrer de profundos estudos sobre mitologia, alquimia e religiões. Não foi por acaso que se deparou com os arquétipos e com a projeção como a entendeu. Tanto é assim que a maioria de

seus conceitos sobre projeção encontra-se nos textos dedicados à alquimia.

Assim, Jung diz que “não há nada de espantoso no fato de o inconsciente aparecer projetado e simbolizado, pois de outra forma nem poderia ele ser percebido. [...] Como é sabido, a projeção não é um acontecimento arbitrário, mas algo que de “fora” se apresenta à consciência” (JUNG, 1990, p. 103).

Percebe-se aqui nitidamente uma forma peculiar de abordar a projeção. Este ponto será desenvolvido mais a frente no capítulo. Jung valoriza extremamente a projeção e tira dela a carga do doentio. Sua importância é tamanha, que ele entende que sem ela o inconsciente não poderia ser percebido. É um germe importante da idéia da projeção como caminho para o inconsciente.

Para justificar sua noção de projeção, Jung demonstra que chegou a ela através da compreensão da alquimia. Para ele, o alquimista olhava para a matéria se transformando. Sem instrumental técnico e conceituação objetiva, ele via nas transformações da matéria seu próprio inconsciente projetado. Especificamente em relação a isso, JUNG (1990, p. 243) relata:

A “materia chemica” era de tal modo desconhecida para eles [os alquimistas] que se tornava ao mesmo tempo também uma portadora de projeções, isto é, o que ela tinha de obscuro era preenchido por conteúdos inconscientes, e assim se estabelecia uma “participation mystique”, isto é, uma identificação inconsciente com a substância química, o que fazia com que ao menos em parte ela se portasse como um conteúdo inconsciente.

Voltemos às características da projeção. Além de inconsciente e autônoma, e também em função disso, as projeções não podem ser produzidas conscientemente e muito menos impedidas. Elas são humanamente naturais, são partes da forma como o homem se relaciona com as coisas. Essa forma de pensar mostra o tipo de concepção de homem que Jung tinha, bem como sua noção de realidade.

Essa noção de realidade veio, certamente, do profundo conhecimento de Jung sobre a filosofia. Parte de uma tradição filosófica que pode ser identificada como subjetivista. É possível perceber idéias de diversos autores da filosofia nos conceitos junguianos. De Kant, por exemplo, interessou-se pelo empirismo e pela consideração de que a realidade interior seria parte da realidade. A noção platonista do conhecimento através da razão e a visão de Berkeley de que a mente é a substância do universo e dela abstraímos e projetamos naquilo que pensamos ser a matéria também são notáveis no pensamento junguiano. Outra influência visível é a

de uma vontade primeira da qual emana o mundo dos objetos, proveniente de Schopenhauer (NAGY, 2003, p. 71-74).

Nas palavras de Jung, “nosso conceito prático de realidade parece, portanto, que precisa de revisão”, ou seja, “a limitação do conhecimento à realidade *material* arranca um pedaço excessivamente grande, ainda que fragmentário, da realidade total”. Isso quer dizer, há uma realidade que vai além do material. Entre os sentidos e a percepção final, há “um processo inconsciente que transforma o fato psíquico”, sendo então possível concluir que “só o psíquico possui uma realidade imediata” e que a realidade psíquica é aquela a qual “podemos experimentar diretamente” (JUNG, 1971a, p. 332-333).

Começa a ficar óbvia a diferença entre as concepções freudiana e junguiana quanto a este mecanismo. VON FRANZ (1999, p. 280) resume a noção junguiana, afirmando que há aí uma ampliação do que em Freud se entendia apenas por projeções de desejos incestuosos. Agora, quaisquer conteúdos não conscientes aparecerão de forma projetada como supostas propriedades dos objetos externos.

Ora, além de retirar da projeção o caráter de desejos incestuosos, infantis e recalçados, a noção junguiana retira dela a noção de defesa do ego. Não se trata mais de uma forma de proteção do ego, mas de uma forma natural de relacionamento e expressão do inconsciente. A meu ver, perde-se a visão de que a projeção é um processo de distorção ou falsificação da realidade, o que pode soar estranho para muitos que, influenciados pela tradição psicanalítica, acreditam ser impossível separar projeção de distorção da realidade.

Aqueles que assim pensam poderão afirmar que a projeção distorce a realidade objetiva do outro e impede que o sujeito possa encontrar-se com um parceiro em uma relação verdadeira e genuína. Além disso, outra questão pertinente seria: se há projeção naturalmente, a realidade exterior seria uma construção puramente psicológica, influenciada pelo inconsciente.

Para contrapor esses dois argumentos é preciso compreender que a projeção é um grande processo, que possui etapas e componentes importantes, que precisam ser detalhadas. A noção do mecanismo como algo fluente é muito importante para o que se tenta delinear neste trabalho. JUNG (1976, p. 72) fala diretamente disso afirmando que é sabido pela experiência “que a projeção é um processo inconsciente automático, através do qual um conteúdo inconsciente para o sujeito é transferido para um objeto, fazendo com que este conteúdo pareça



pertencer ao objeto” e ainda destaca que o fim do *processo* de projeção se dá no momento da conscientização do conteúdo, que então passa a pertencer ao sujeito.

Enquanto um processo, a projeção inicia com o que se chama de participação mística, a identidade arcaica entre inconsciente e mundo exterior, onde não há distinção entre interno e externo (GAMBINI, 1988, p. 52). Esse estágio é melhor explicado pelo próprio JUNG (1976, p. 18):

Para o primitivo não basta ver o Sol nascer e declinar; esta observação exterior deve corresponder – para ele – a um acontecimento anímico, isto é, o Sol deve representar em sua trajetória o destino de um deus ou herói que, no fundo, habita unicamente a alma do homem. Todos os acontecimentos mitologizados da natureza, tais como o verão e o inverno, as fases da lua, as estações chuvosas, etc., não são de modo algum alegorias destas experiências objetivas, mas sim, expressões simbólicas do drama interno e inconsciente da alma, que a consciência humana consegue apreender através de projeção – isto é, espelhados nos fenômenos da natureza.

Num segundo momento, começamos a separar homem e natureza através da dúvida, pelo questionamento. Depois, a separação passa a ser completa e definitiva. Surge a típica explicação materialista em que o real é o objeto externo, a projeção é vista como um erro ou ilusão. A psique é ficcional e a projeção uma patologia. Por fim, a projeção é recolhida e percebida como um aspecto inconsciente do sujeito que projeta (GAMBINI, 1988, p. 52-55).

Com maior clareza, VON-FRANZ (1988, p. 17-18) afirma ser a projeção um processo que se desenrola. O clássico exemplo de Jung exemplifica suas fases, que começam com a identidade arcaica, quando um soldado nigeriano ouve a voz de uma árvore o chamando. Árvore e voz são idênticas. Depois, há a distinção entre árvore e voz, que seria um demônio na árvore. No terceiro momento, a voz já separada da árvore é qualificada como boa ou má, como que numa avaliação moral. A quarta etapa traz o caráter da ilusão, que vai além da qualidade, mas rejeita a voz, o espírito ou o demônio como algo doentio e inexistente na realidade. Por fim, a experiência seria vista como real e assombrosa. Voz e árvore serão percebidas como realidades psíquicas do sujeito.

Primeiramente, é importante notar que a autora amplia as fases descritas anteriormente. De forma didática e clara, demonstra como a projeção realiza seu processo completo de confusão até o recolhimento. Contudo, o mais importante é notar que, enquanto processo, a projeção não pode ser entendida como um problema em si e uma distorção da realidade. Talvez seja possível pensar que a

paralisação em um ou outro momento possa ser problemática. Mesmo assim, parece existir um movimento natural de todo esse processo que visa chegar a sua etapa final: o recolhimento e a integração. Ou seja, além de ser uma forma natural de relação do ser-humano com o meio exterior, a projeção favorece que a realidade tome vida, tome uma vida que tem a ver com o próprio sujeito, com a *sua* realidade. Assim, não se pode dizer que ela distorce, mas sim que enriquece a percepção.

Além disso, pode-se pensar que as etapas da projeção, isoladamente, têm sua importância. A participação mística é muitas vezes rotulada de primitiva e infantil. No entanto, VON FRANZ (1988, p. 15) afirma que ela não pode ser considerada insignificante, pois nela reside o verdadeiro mistério da intensidade da vida, a criatividade espiritual e a produção de ligações mágicas com pessoas e objetos.

Isso quer dizer que não há como deixar de vivenciar as diversas etapas da projeção. Não há recolhimento total e absoluto, pois esgotaríamos o inconsciente. Além do mais é importante que se façam algumas separações para que tenhamos uma organização prática da vida, mesmo que saibamos que os objetos são supostamente e parcialmente exteriores e contenham muito de nós mesmos.

É nesse caminho que VON FRANZ (1998, p. 20) segue quando afirma que “na verdade, uma ou várias camadas de um complexo inconsciente podem ser integrados pela personalidade consciente, mas o núcleo não; ele retorna, porém, em estado latente para o inconsciente e deixa de ser um problema real. Então, uma dissolução completa jamais acontece”. Ou seja, nunca poderá existir relação sem inconsciente projetado, pois o ego não suportaria a consciência completa.

Outro aspecto típico do mecanismo, é que o inconsciente que projeta não escolhe os seus alvos ao acaso, mas aqueles que contêm pouco ou muito do conteúdo projetado: o gancho (VON FRANZ, 1999, p. 282).

“Essa qualidade de um objeto que possibilita a aderência de uma projeção chama-se “gancho” no jargão psicológico” (GAMBINI, 1988, p. 31). Em outros termos, há semelhanças entre o conteúdo inconsciente projetado e o objeto receptor da projeção. Isso traz conseqüências importantes, porque as relações interpessoais terão grande importância para que existam projeções. Sem outras pessoas fornecendo ganchos, o homem fica aquém da possibilidade de projetar e, assim, de entrar em contato com seus próprios conteúdos.

Ainda, a existência do gancho nos permite contrapor a afirmação de que a projeção é necessariamente uma ilusão. Com o ganho, é notável que o outro atrai

ou rejeita projeções a partir de algumas de suas características próprias. O conteúdo projetado deixa de ser uma ilusão, uma fantasia arbitrária. Ou seja, a projeção inconsciente (realidade subjetiva) recai sobre um gancho (realidade objetiva do outro).

Há momentos em que os próprios autores junguianos vêm na projeção um problema. Cada um baseado em algum argumento e levado por alguma idéia. A hipótese para essas afirmações é que há uma grande influência da visão freudiana, ainda disseminada nos discursos da psicologia, mesmo da psicologia analítica.

Talvez seja importante lembrar-se da visão freudiana. Freud foi construindo o conceito de projeção no decorrer de sua obra, a partir da idéia da neurologia de Meynert, num primeiro momento. Sua definição foi conectando o termo projeção à distorção da realidade, à repressão sexual e à ilusão paranóica, tudo a serviço de uma defesa. Para Freud, a projeção é um disfarce, uma fonte de ilusões, um erro baseado em negação, distorção e reversão (GAMBINI, 1988, p. 18-19).

Assim, dentro da psicanálise, quando se fala em projeção dá-se destaque a um erro na interpretação da realidade, o que obviamente destoa do que já foi apresentado sobre a visão junguiana. GAMBINI (1988, p. 20-22) continua afirmando que a explicação do mecanismo através da psicanálise é de todo válida, mas questiona o destaque ao caráter doentio:

essa abordagem teórica atribui à projeção a função ativa de elaborar uma visão psicótica da realidade. Repetindo, essa noção pode ser pertinente à compreensão da psicose – mas o problema é que o fenômeno da projeção acabou reduzindo-se basicamente a esse aspecto. De fato, essa linha de pensamento condiciona o uso do termo nos mais variados contextos.

Desse modo, a projeção deve ser entendida de maneira mais ampla. Ela é efetivamente o mecanismo central em muitos transtornos mentais severos, como a paranóia. Contudo, não é um problema em si. Apesar disso, passagens de autores junguianos referem-se à projeção como um problema ou fazem ressalvas ao *perigo da projeção*.

WHITMONT (1969, p. 55), por exemplo, conceitua a projeção como um mecanismo natural e inevitável, mas afirma que no uso clínico, limita-se a empregar a projeção às situações em que a “realidade é distorcida pelo poder irresistível de um complexo ou arquétipo constelado”. VON FRANZ (1999, p. 282) entende que é melhor falar em projeção apenas quando a imagem do sujeito em relação ao objeto perturbar seu ajustamento de forma nítida.

Parece-me um retrocesso e uma grande contradição definirem-la pelos momentos de perturbação do ajustamento. É mais útil compreender que há projeção o tempo todo e em todas as relações. Não há fim para o inconsciente. Não é possível torna-lo totalmente consciente. Não é possível entrar em contato com todos os arquétipos. Isso tudo é combustível para a projeção. E isso não é psicologismo, pois há ganchos em todo o lado. Não é porque estamos eternamente projetando que tudo se resume a projetar. Há conteúdos integrados de projeções que deixarão nossas relações mais genuínas, mas nunca isentas de outras projeções.

Talvez, possamos dizer que a projeção se torna um problema quando causa desajustamento e sofrimento. Isso não quer dizer que ela é o problema em si. Assim, a perturbação do ajustamento citada por Von Franz acontecerá quando a projeção não cumprir seu caminho de volta, de integração. Ela é um processo, que só inicia porque tem uma finalidade. Eis a grande questão da projeção. E a perspectiva teleológica tipicamente junguiana parece mais uma vez funcionar claramente. Há nela uma função: a projeção se inicia para ser cumprida, para ser integrada.

Como o sintoma, que é aquele que aponta para sua própria saída, a projeção proporciona sua própria orientação, o caminho. É preciso projetar para estar saudável e, mais que isso, quanto mais projeções forem integradas, maior a possibilidade de individuação, de contato consigo mesmo.

### 3 TRADIÇÃO FREUDIANA

Parece-me importante retomar a questão da influência e da predominância da tradição freudiana quando se fala de projeção, pois é uma hipótese que também parece verdadeira quando se trata de transferência e contratransferência. Quero dizer, mesmo dentro da concepção junguiana, que amplia esses conceitos, parece prevalecer em diversos momentos o peso da tradição freudiana. Algumas citações do capítulo anterior demonstram isso.

Na realidade, o próprio Jung percebeu que a concepção freudiana contaminava o seu pensamento a respeito da transferência. Disse que “sofremos de certa forma o preconceito da definição que Freud lhe deu. Estamos sempre inclinados a pensar que se trata invariavelmente de uma transferência erótica” (JUNG, 1985a, p. 132).

No mesmo texto, JUNG (1985a, p. 128) parece perder o foco de sua concepção quando fala da projeção como uma ilusão, o que aconteceria quando presumimos que o que é visto no objeto não é subjetivo, mas inerente ao objeto. Em seguida, porém, ele já mostra que a ilusão é abolida quando se descobre que os fatos aparentemente objetivos são realmente conteúdos que pertencem à psicologia do indivíduo. Ou seja, quando completa seu caminho de retorno ao sujeito, a projeção deixa de ser um problema. Do que concluímos que o problema realmente reside nas estagnações e fixações, na falta de movimento.

Torna-se relevante indagar: o que Freud entendia por transferência? Há características que se destacam em sua abordagem. A transferência vem relacionada à neurose e, além disso, é um empecilho ao tratamento. FREUD (1969, p. 112-113) diz que “na análise, a transferência surge como a *resistência mais poderosa* ao tratamento” e que as “características da transferência, portanto, não devem ser atribuídas à psicanálise, mas sim à própria neurose”. O que se pode apreender, no fim das contas, é que para a tradição psicanalista o fenômeno da transferência carrega em seus ombros um caráter da neurose e, inevitavelmente, do atrapalho ao trabalho analítico.

WHITMONT (1969, p. 55) também afirma que a projeção é “o primeiro estágio de consciência – embora inadequado – e é a realização de um conteúdo psíquico ou de um complexo *como se* aderisse ou dissesse respeito a um objeto

externo”. Outros trechos já citados mostram como a ligação direta entre projeção e distorção ou perturbação é presente em muitas vezes, mesmo no pensamento junguiano (WHITMONT, 1969; VON FRANZ, 1999).

Fica clara a influência forte do pensar freudiano nas passagens referidas. E essa hipótese também se confirma com as definições de transferência, em muitas ocasiões. JUNG (1985a, p. 141) afirma que a “transferência é sempre um estorvo, jamais uma vantagem. Cura-se apesar da transferência e não por causa dela”. Nesse ponto, o psiquiatra suíço parece referir-se à idéia típica da análise freudiana que exige que se crie uma neurose de transferência, uma repetição da neurose criada na relação edípica do paciente. Por isso, pensa nela como um estorvo.

E a discussão segue para JUNG (1985a, p. 141):

Não há necessidade de transferência, como também não a há de projeção. Logicamente ela aparece independentemente disso. As pessoas sempre têm projeções, mas nunca a espécie que é esperada. Já leram Freud sobre esse aspecto, ou já estiveram com outros analistas. E foi-lhes enfiado na cabeça que deverão ter transferência, ou jamais serão curadas. É a maior das asneiras dizer uma coisa dessas. A cura não depende nem da ausência, nem da existência dela. Tais projeções acontecem devido a condições psicológicas muito peculiares. E da mesma forma que a gente dissolve outros mecanismos tornando-os conscientes, tem-se também de dissolver a transferência através da consciência. Se ela não existir, tanto melhor; o material surgirá da mesma forma. Pois não é isso que possibilita a abertura do paciente; toda a revelação que se quiser ter estará encerrada nos sonhos. Através deles pode-se conseguir tudo o que for desejado, pois o que é realmente necessário ali está. Se forçarmos uma transferência, o resultado da análise não será bom, pois só podemos fazê-lo insinuando coisas erradas, estimulando esperanças, fazendo promessas de maneira velada e no fim não poderíamos cumpri-las, pois isso seria um absurdo. Ninguém pode ter “casos” com cem mil virgens, o que seria enganar as pessoas. [...] Não tem importância que elas amem ou não o terapeuta.

A parte final da fala de Jung demonstra a hipótese que viemos trabalhando. A noção que é fortemente criticada por ele neste momento é aquela que entende que há sempre, na relação analista-paciente, uma transferência cujo peso principal é erótico, é um peso da repetição edípica. Em outras palavras, o conceito que o autor está utilizando no momento é aquele utilizado na psicanálise. Da mesma forma, em outro momento ele diz:

Contrariamente à opinião de alguns, não estou convencido de que a “transferência para o médico” seja um fenômeno constante e indispensável ao bom êxito da terapia. Transferência é projeção, e a projeção está ou não presente. *Necessária* ela não é. Em hipótese alguma, pode ser “forjada”; pois, por definição, ela nasce de motivações inconscientes. O médico pode ser a pessoa indicada para a projeção, ou não. Nada nos faz afirmar que ele corresponde necessariamente ao fluxo natural da libido do cliente; pois é

bem possível que este último tenha vagamente em vista um objeto de projeção bem mais importante. Às vezes, a não-projeção no médico pode até facilitar consideravelmente a terapia, pois, neste caso, os valores pessoais reais passam a ocupar mais nitidamente o primeiro plano (JUNG, 1987, p. 54).

É preciso ressaltar que a posição de Jung, nesse momento, era a de explicar e refutar a teoria psicanalítica da projeção e da transferência. Vide o uso da palavra *forjada* para caracterizá-la. Obviamente, dá destaque à inexistência de projeções ligadas ao analista, pois entende que elas podem ter foco em outras figuras (pai, mãe, irmãos, figuras oníricas, etc.). Desse modo, entendo que na tentativa de diferenciar-se de Freud e do pensamento psicanalítico, Jung tomava posições drásticas, mas que em seu contexto podem ser entendidas como posições direcionadas à transferência, contratransferência e projeção em seus aspectos infantis, eróticos e/ou defensivos.

Em uma ampla análise sobre o relacionamento terapêutico, WEINER (2009) faz uma revisão de motivos através dos quais explica os posicionamentos teóricos de Jung. O autor entende que Jung foi inconsistente e contraditório por uma série de razões: estava magoado e com raiva de Freud para valorizar as idéias dele; e ainda tinha dificuldades emocionais fortes ligadas às transferências dos seus pacientes, em especial às eróticas. Ainda, ao contrário de Freud, ele não deixou estudos de casos clínicos extensos ilustrando seu trabalho com o material da transferência. Seus escritos e vinhetas clínicas evidenciavam um profundo interesse intelectual e emocional nos aspectos pessoais e arquetípicos do fenômeno desenvolvidos, entretanto, fora de sua própria experiência clínica.

LÓPEZ-PEDRAZA (1989) concorda que as queixas de Jung referem-se à exigência da resolução da transferência, à dependência dela, bem como ao querer manejá-la de forma técnica. Se optarmos por uma psicologia hermética, haverá na transferência mais amplitude, movimento psíquico que leva em frente e que é paradoxal; tal qual a imagem hermética<sup>1</sup>.

LÓPEZ-PEDRAZA (1989) entende que “a psicoterapia, nesse sentido, é uma tentativa de tornar a vida tão psíquica quanto pudermos, de manter nossa psique em movimento”. Sendo que o movimento psíquico é o processo de, hermeticamente, mobilizar o que estava paralisado pela história de vida da pessoa. Nesse contexto, a transferência é entendida amplamente ligada ao movimento psíquico.

---

<sup>1</sup> A imagem arquetípica de Hermes e sua relação a transferência serão discutidos à frente.

Em outro momento, JUNG (1971, p. 35) considera a importância da transferência relativa, entendendo que enquanto para uns ela é remédio, para outros é veneno. Que pode gerar mudanças pra melhor para algumas pessoas e em outros casos ser um entrave ou um peso, podendo até ser irrelevante. E continua:

Na análise clínica constatou-se que os conteúdos inconscientes se manifestam sempre, primeiro de forma *projetada*, sobre pessoas e condições objetivas. Muitas projeções são integradas no indivíduo definitivamente, pelo simples reconhecimento de que fazem parte de seu mundo subjetivo. Mas há outras, no entanto, que não se deixam integrar, apenas se desligam dos seus objetos iniciais e são transferidas ao terapeuta. Entre esses conteúdos, a relação com o progenitor do sexo oposto tem uma importância toda especial. Falo da relação filho-mãe, filha-pai, e também da relação irmã-irmão. Geralmente, este complexo não pode ser integrado por completo, sendo que quase sempre o médico é colocado no lugar do pai, do irmão e até da mãe. [...] A experiência mostra que tais projeções se estabelecem com toda a sua intensidade primitiva (interpretada como etiológica por FREUD). Conseqüentemente, o vínculo que se forma corresponde, em todos os aspectos, à primitiva relação infantil, e a tendência é repetir com o médico todas as experiências da infância. Em outras palavras, a perturbação neurótica do seu ajustamento passa a ser *transferida* ao médico. Quem primeiro reconheceu e descreveu este fenômeno foi FREUD, que também o designou como “neurose de transferência” (JUNG, 1971, p. 41).

Notavelmente, Jung mostra seu entendimento como próximo àquele concebido pro Freud. JACOBY (1992) também segue caminho parecido ao interpretar a visão junguiana dizendo que a transferência é um fenômeno natural a qualquer relacionamento e que, embora ocorra com freqüência, não ocorre sempre na análise, considerando-a dispensável.

Assim, pensar a transferência como algo indispensável seria um equívoco. É comparável à questão da fé, que só tem valor se for espontânea. Fé e transferência não podem ser criadas artificialmente e nem realizadas obrigatoriamente. E sendo a transferência uma forma de projeção, não é um fato que se possa exigir e obrigar (JUNG, 1971, p. 42). Mais à frente, JUNG (1971, p. 49) afirma que a ocorrência do aspecto incestuoso é realmente complicada. Entende que há nele compulsividade e que por isso, na transferência, o aspecto incestuoso se enrosca tanto no médico como no paciente. Isso se traduz pela obstinação do sintoma neurótico e pelo apego desesperado à infância e ao analista, o que é quase uma possessão.

Em uma forma de entendimento fortemente influenciada pela psicanálise, FORDHAM (1978) afirma que assim que a análise engrena, aparecem aspectos que indicam que a transferência está criando dificuldades para o paciente: ele pode ficar silencioso sem motivo aparente, ou pode deixar de ouvir o que o analista diz, ou



pode começar a distorcer intervenções de maneira estereotipada. O que é dito pelo analista talvez seja sentido como crítica ou condenação, ou como expressão de amor, ou as interpretações podem ser admiradas, ou torna-se aparente que o paciente as sente como irrelevantes. Essas são apenas algumas respostas, de uma grande variedade de possibilidades, caracterizadas por serem exageradas ou inapropriadas para uma situação em que o analista escuta e busca ajudar o paciente em sua compreensão.

Ainda, parece haver consenso em relação ao fenômeno quando é visto à luz da lei da experiência primária infantil repetida na relação com o analista. No mais, é entendida como uma neurose, que ocorre com pacientes que vivenciam seu terapeuta através de uma falsa impressão. Isso pode ser reconhecido e, depois, trabalhado para o entendimento da situação. A ilusão pode continuar, mas pode ser manejada para que se perceba que o terapeuta não é realmente o que parece. (FORDHAM, 1978). Mais uma vez, o autor reafirma a ligação de sua concepção ao paradigma freudiano, em que se separa o fato psíquico (a transferência) da realidade, como se a realidade psicológica fosse uma ilusão.

A separação de projeções e transferência da realidade é muito freqüente. Ela tem base numa crença de que há um relacionamento humano isento de projeções. GUGGENBÜHL-CRAIG (2004, p. 46) afirma que na transferência, “vê-se em outra pessoa algo que não existe [...] Em contraste, num relacionamento ou num encontro genuíno, o outro é visto como é”. JACOBY (1992) relata que a diferença entre transferência/contratransferência e o relacionamento humano pode ser vista de modo claro. Entende que é possível uma relação Eu-Você, onde o parceiro é levado a sério e onde há honestidade.

Não vejo possibilidade de separar duas formas de relacionamento: uma com e outra sem projeções. O relacionamento completamente livre de projeções é um *ideal*, tão inatingível quanto o *ser individuado* e quanto a *conscientização do inconsciente*. Há que existir, sempre, projeções e também transferências e contratransferências. Ainda, parece ingenuidade acreditar que uma relação em que existam projeções seja desonesta ou que não seja séria. Se a projeção é um processo inconsciente, não se trata de seriedade ou falta dela, mas de um fato.

Ora, apesar do avanço que Jung buscará fazer no seu pensar sobre a transferência, o que será discutido nos próximos capítulos, a concepção freudiana parece sempre influenciá-lo. Em diversos momentos, Jung demonstra até repúdio à

transferência e afirma que ela não é necessária ao tratamento. Mas a que Jung estaria se referindo? Estamos falando de transferência, ou da “neurose de transferência”? O que é mesmo indispensável: uma relação permeada por projeções mútuas ou projeções eróticas e infantis?

As perguntas são muito profundas e mesmo complexas. Porém, o que foi visto até agora aponta para o fato de que em diversos momentos Jung utilizava o termo *transferência* referindo-se àquela relação infantil descrita pela literatura freudiana. Porém, sua concepção de *transferência*, *projeção* e *contratransferência* era outra, diferente e muito mais ampla.

#### 4 TRANSFERÊNCIA E CONTRATRANSFERÊNCIA COMO PROJEÇÕES

Já de início, quando se fala nas questões de transferência e contratransferência sob o viés junguiano, é preciso relacionar esses conceitos à projeção. E, como visto no primeiro capítulo, trata-se de um fenômeno natural e não-defensivo. Esse é o grande passo que Jung dá, ampliando o que vinha sendo conceituado até então.

De fato, transferência e contratransferência são tipos específicos de projeção, que acontecem num contexto determinado. Este é o entendimento de JUNG (1985a, p. 127) quando diz que “o processo de transferência é uma forma específica do desenvolvimento mais generalizado da projeção”. Afirma que não se pode separar esses dois conceitos, pois “a transferência é um caso especial de projeção ou pelo menos é assim que eu entendo”.

Esse é o pressuposto para o entendimento que se fará da transferência durante todo o trabalho. A confusão que existe na literatura junguiana reside justamente nessa ligação entre projeção e transferência, que às vezes é esquecida, e na influência profunda da noção freudiana sobre toda a teoria.

É importante notar que a ligação entre projeção e transferência não é mero acaso. A própria etimologia das palavras faz sentido. Pois transferência, no alemão, é *übertragung* que significa carregar algo de um lugar para outro. Também é sinônimo de *übersetzung*, que é igual a tradução (JUNG, 1985a). A palavra inglesa *transference* é uma tradução do latim *projectio*, ou seja, projeção (JACOBY, 1992).

Dessa forma, parece que há um processo muito amplo e comum aos relacionamentos humanos que é a projeção. Processo que ocorre entre as pessoas que mantém contatos, seja na família, no trabalho, entre amigos. Quando contextualizada no *setting analítico*, a projeção recebe um nome especial. Essa é uma das variadas formas de conceber a transferência.

Seguindo, ele fala da amplitude do processo de projeção:

A projeção é um mecanismo psicológico geral que carrega conteúdos subjetivos de toda espécie sobre o objeto. Por exemplo, quando se diz: “A cor desta sala é amarela”, trata-se de projeção, porque no próprio objeto não há amarelo; há apenas em nós. Como se sabe a cor é uma experiência subjetiva. O mesmo acontece quando se ouve um som, que é uma projeção, pois o som não existe por si próprio. É o som em minha cabeça, o problema psíquico que eu projetei (JUNG, 1985a, p. 128).

Isso demonstra como o processo de projeção é comum à vivência humana. Está na relação do homem com praticamente todas as coisas. JUNG (1985a, p. 128) diz que “a transferência é usualmente um processo que se dá entre duas pessoas” e como uma espécie de projeção, não pode fugir à regra de que não se trata de um ato voluntário. “Ninguém pode fazer projeções intencionais e conscientes, pois aí a pessoa saberia que estava projetando os seus conteúdos subjetivos, e por conseguinte não poderia localizá-los no objeto” sabendo que seriam partes da própria pessoa.

A transferência de um conteúdo ativado do inconsciente ao analista também constela neste um material correspondente, através da ação gerada pelas projeções. “Médico e paciente encontram-se assim numa relação fundada na inconsciência mútua” (JUNG, 1971, p. 45). Ou seja, assim como a projeção, a transferência e a contratransferência ocorrem via inconsciente, de forma espontânea.

A aproximação entre projeção e transferência nos remete à questão do contexto analítico. Se há projeção todo o tempo, aquelas que ocorrem no *vaso hermético*<sup>2</sup> da análise são as componentes da transferência. Se levamos a cabo esse entendimento, veremos que há uma notável e importante ampliação no que se concebe por transferência.

Passamos a entendê-la não somente como a projeção de conteúdos inconscientes do analisando em direção ao analista, ou vice-versa. Projeções em personagens oníricos, o discurso direcionado às pessoas de convivência do paciente, bem como as fantasias e devaneios fariam parte da transferência. Não nos esquecendo das mesmas questões do analista, que também são parte considerável. Quando falamos de alguém em nosso sonho, ou de alguém de nosso convívio, estamos projetando inevitavelmente alguns aspectos que estão inconscientes. De modo que não podemos excluir esses fatos da relação transferencial.

Essa idéia é corroborada por JACOBY (1992, p. 33) que afirma que assim que se começa a análise, aquilo que é discutido nela é uma preocupação consciente, para a qual o inconsciente reage. Além disso, sabemos que os sonhos serão conteúdo de discussão. Ou seja, “não sonhamos mais apenas pra nós

---

<sup>2</sup> Ou *vas hermeticum*, referido por JUNG (1946) como o ambiente onde ocorre a transformação, também como útero onde há o novo nascimento, ou como sepultura onde é preciso a morte para ocorrer a mudança.

mesmos. Esse conhecimento consciente tem um impacto na nossa vida de sonhos e estes passam a ser, mais das vezes, mensagens para o analista”.

JACOBY (1992) relata o sonho de uma paciente, mostrando que ela teve conteúdos inconscientes profundos que tinham grande relação também com o analista. Percebe que o sonho dizia respeito à relação inconsciente entre ambos e que não era um sonho referente apenas a uma relação pessoal, mas sim a uma profunda constelação inconsciente.

Concordando com a idéia de Jacoby, entendo que os sonhos mudam na análise, traduzem mensagens ao analista. Mais que isso, eles representam personagens do inconsciente do analisando, alvos de projeções profundas e, assim, parte da transferência e da contratransferência. Da mesma forma, GAMBINI (2008, p. 111) diz que “é inevitável que um faça algo pelo outro, represente algo para o outro. [...] Às vezes uma questão transferencial, como vimos, é apontada por um sonho”.

“De acordo com diversos escritos de Jung sobre o assunto, a transferência funciona psicologicamente de maneira semelhante aos sonhos”. Quer dizer, sonhos e transferência apresentam material determinado pela necessidade de compensar a atitude unilateral da consciência; “ambos apresentam material inconsciente, através de projeções que contêm um valor subjetivo; e ambos têm finalidade e servem ao processo de individuação” (STEINBERG, 1990, p. 27).

É por isso que é possível compreender o fenômeno da transferência e contratransferência como um campo de projeções, ou um campo de transformação. HALL (2000) entende que um dos diferenciais da visão junguiana é a concepção de transferência e contratransferência como um campo de transformação.

Embora tenha sido contestada e embora tenham sido feitas inúmeras tentativas de diminuir sua importância, a transferência e sua companheira contratransferência permanecem o componente afetivo central na psicoterapia analítica. É por essa razão que se tem dado atenção ao setting analítico, pois ele proporciona a estrutura onde as manifestações transferenciais podem ser cuidadosa e adequadamente elucidadas, interpretadas e trabalhadas por completo (FORDHAM, 1978).

Os processos de transferência e contratransferência constituem boa parte do campo de transformação proporcionado na análise, no qual podem ocorrer muitas mudanças no paciente e também no analista (HALL, 1986). Assim, entende-se que a

“transformação nunca é só do paciente. É mútua. Para haver terapia o analista também precisa se expor e se transformar. É como que uma troca alquímica, onde duas substâncias se unem para produzir uma terceira” (RAMOS, 1985, p. 41-42).

No mesmo rumo, WHITMONT (1994) introduz a idéia de um espaço ou campo criado entre analista e paciente, de certa atmosfera. É nela que ocorrerá o encontro mútuo, que permitirá o crescimento e desenvolvimento, sendo por isso chamado de ‘espaço capacitador’. Ele entende que:

Nossas constelações inconscientes básicas são, portanto, potencialmente reconhecíveis no encontro pessoal com o terapeuta. A disposição do terapeuta para aceitar a transferência e sua capacidade para compreendê-la e também as suas próprias reações emocionais (contratransferência) fornecem o “espaço capacitador” que traz à luz não apenas os elementos neuróticos, mas principalmente os elementos críticos, de desenvolvimento e de resolução. A transferência contém não só a projeção de arquétipos distorcidos mas também a projeção e, portanto, a primeira possibilidade de realização dos aspectos dos arquétipos que tinham existido apenas como potencial. Assim, a transferência não é uma reação neurótica que poderia ser evitada, mas um elemento normal inevitável de todo encontro terapêutico, uma parte de um campo de busca da consciência, um campo “eu-tu” constelado (WHITMONT, 1994, p. 267).

A questão do campo de transformação é uma metáfora muito presente. Pode-se citar o *vaso alquímico* enquanto local da transformação e também a idéia do *temenos*<sup>3</sup> como campo protetor e de mudança. Trata-se de um aspecto notavelmente arquetípico, que serve de ampliação para essa noção da transferência.

Em continuação à idéia, HALL (1986, p. 93-94) conclui:

O campo definido pela T/CT [transferência e contratransferência] pode muito bem ser chamado campo de transformação, pois é invariavelmente verdadeiro que o analista se transforma junto com o analisando [...]. O campo transformativo da T/CT imerge o analista numa corrente continuamente enriquecida de experiências pessoais com analisandos, ativando nele materiais que requerem uma atenção psicológica disciplinada e constante.

Todos somos humanos e o campo de transformação da T/CT é apenas uma forma especializada do efeito mutuamente transformador de toda interação humana – um efeito representado da forma mais vívida na imagem arquetípica da *coniunctio*, o casamento alquímico.

Essa forma de entender a relação analítica nos leva às ativações que acontecem na psique do analista. A contratransferência é um fenômeno que foi primeiramente descrito por Freud e que, ainda hoje, sofre influência do seu

---

<sup>3</sup> Palavra grega que significa um espaço sagrado e protegido; psicologicamente, descreve um continente pessoal e o senso de privacidade que circunda a relação analítica. Citado por Jung como metáfora ao setting, pois lembrava a proteção dos templos sagrados gregos.

pensamento. E isso acontece da mesma forma do que os conceitos de projeção e transferência, conforme já citado.

FREUD (1969, p. 149) justificava o uso do divã pelo fato de não suportar ser encarado fixamente por outras pessoas durante um tempo muito longo; “não desejo que minhas expressões faciais dêem ao paciente material para interpretação ou influenciem-no no que me conta”. Continua dizendo que mantém o divã porque “seu propósito e resultado são impedir que a transferência se misture imperceptivelmente às associações do paciente, isolar a transferência e permitir-lhe que apareça”.

Fica evidente que a diferença de abordagem é gritante. Enquanto Freud evitava o contato e a expressão de suas reações, a psicologia analítica parte para o oposto: o contato é cara a cara e as reações do analista são parte integrante e importante ao processo. WOODMAN (2000, p. 53) dá exemplo da diferença, quando trata da questão:

Na arte zen de manejar o arco, quando a flecha é liberada em seu ponto de tensão máxima, uma tensão constelada entre a flecha e o arco, ela vai direto ao alvo. Na análise, o ponto de tensão máxima entre o analista e o analisando, a depender da relação de comunicação entre eles, pode constelar-se em qualquer momento. Uma transferência muito forte sobre o analista pode comparar-se à liberação da flecha. Se a transferência cair muito longe do alvo, como quase sempre faz, a flecha não foi lançada com toda a força ou energia do arco retesado. Então, o analista não tem nenhuma dificuldade em reconhecer a transferência e descobrir de onde ela provém psiquicamente. Quando, porém, a união entre o arco e a flecha é tamanha que eles se transformam numa só coisa (o ponto de tensão máxima), a transferência atinge o alvo e acerta na mosca, produzindo uma situação muito diferente, muito mais difícil de lidar diretamente, porque a flecha pode atingir o complexo mais doloroso do analista.

Desse modo, percebe-se que o analista será afetado e que isto será instrumento para a terapia. Quer dizer que a facilidade em lidar com a transferência não é sinônimo de análise de sucesso, mas pode indicar falta de envolvimento e, em conseqüência, de movimento.

Mesmo com a mudança de atitude na psicologia analítica, muitos autores permanecem insistindo e ressaltando o caráter problemático da contratransferência. JACOBY (1992) afirma que a transferência e a contratransferência possuem sempre um caráter parcialmente ilusório, e que se trata de jogos neuróticos praticados com o paciente. Por isso, destaca a importância do contato com as próprias feridas. Também, classifica os sentimentos de contratransferência em ilusivos ou sintônicos. Em outro momento, liga as projeções na análise com relações infantis.

Não acho que esteja totalmente equivocado, mas penso ser importante

ultrapassar essa noção de ilusão e de jogo neurótico quando se fala das projeções. São fatos, mais que fenômenos passíveis de controle. Classificá-los também não faz muito sentido, a não ser didaticamente, pois na prática quaisquer sentimentos devem ser olhados e trabalhados. O próprio JACOBY (1992, p. 64) diz que a contratransferência “pode colocar o analista que se torne consciente dela em contato com fantasias mútuas, mais ou menos inconscientes, que poderão ser utilizadas para a análise de maneira produtiva”.

Entendo que exista um cuidado com as próprias reações. Mas não no sentido de evitá-las. O perigo reside sempre em fixar-se numa relação totalmente inconsciente, sem que se busque a compreensão e a retirada das projeções. O risco está em ficar na participação mística, sem cumprir as demais etapas da projeção. Parece que o mais importante é o esforço por perceber-se e o trabalho que é feito posterior sobre os próprios sentimentos. Aí sim o analista estará reagindo, mas de forma cuidadosa.

É seguindo essa mesma linha de pensamento que WHITMONT (1994, p. 269) afirma que o terapeuta “tem que trabalhar em seus próprios problemas simultaneamente a fim de ajudar o paciente a mudar. A atividade consteladora do inconsciente que levanta novos problemas nunca para enquanto durar a vida”.

Da mesma forma, poderíamos questionar: se as projeções do analista são bem vistas, então quanto mais houver projeção melhor? De certa forma, sim e não. Quero dizer, por um lado é importante que o analista tenha uma caminhada em seu autoconhecimento para que possa justamente perceber mais rapidamente o que em seu inconsciente está sendo ativado. É importante que o profissional se mantenha em contato constante com sua alma<sup>4</sup>, pois assim poderá dar a devida atenção a suas reações. Isso não significa, no entanto, que a contratransferência será evitada. Muito pelo contrário, ela acontecerá e talvez até com mais freqüência. Ela será, dentro do possível, mais bem-vinda e mais facilmente aceita, para então ser trabalhada.

É nesse sentido que WOODMAN (2000, p. 53) afirma que a contratransferência é o resultado inevitável do momento em que a transferência

---

<sup>4</sup> Enquanto a persona é a disposição externa, a alma um complexo funcional, a disposição direcionada para o interior, para o inconsciente (JUNG, 1971c). Alma é um reino intermediário da psique, das imagens e do poder da imaginação (HILLMAN, 1989). Nesse trabalho, utilizo o termo alma enquanto a função de conexão com o interior, referida por Jung e, assim, um intermediário com poder imaginativo, conforme Hillman.



atinge o alvo: o ponto vulnerável do analista. “Se o analista não estiver plenamente consciente da reação de sua própria sombra, pode haver danos reais”, e esse é o risco aí presente. Mas, se conhecer e lidar com seus complexos, o atingir em cheio da transferência poderá criar “um dos estágios mais criativos da análise, um estágio no qual o verdadeiro trabalho pode ser feito”.

Não há análise sem que o analista seja afetado. É por isso que JUNG (1991, p. 19) diz:

O trabalho analítico conduziria mais cedo ou mais tarde ao confronto inevitável entre o eu e o tu, e o tu e o eu, muito além de qualquer pretexto humano; assim é provável e mesmo necessário que tanto o paciente quanto o médico sintam o problema na própria pele. Ninguém mexe com fogo ou veneno sem ser atingido em algum ponto vulnerável; assim, o verdadeiro médico não é aquele que fica ao lado, mas sim dentro do processo.

Esse trecho demonstra toda a ênfase dada pelo autor à necessidade de se incluir no processo. O que inevitavelmente implica em demonstrar reações e vivenciar a contratransferência de forma mais aberta, o que não quer dizer descuidada.

Novamente, vem a mente a pergunta: de que adianta então o analista buscar sua análise pessoal, dedicar-se a isso, se continuará projetando no analisando?

A transferência já era designada como *rappport* na fase antiga pré-analítica da psicoterapia e mesmo antes, pelos médicos românticos. Constitui a base para a atuação terapêutica em seguida à dissolução das antigas projeções do paciente. Durante esse trabalho também se constata que os próprios critérios do médico podem ser anuviados por projeções, todavia num grau mais atenuado, pois de outro modo a terapia seria impossível. Espera-se, e com razão, que o médico esteja no mínimo a par dos efeitos do inconsciente sobre a sua pessoa e também que todo aquele que se dispõe a dedicar-se à psicoterapia se submeta previamente a uma *análise didática*; mas mesmo assim, nem a melhor preparação conseguirá instruí-lo acerca da totalidade do inconsciente. “Esvaziar” por completo o inconsciente é impossível, pela simples razão de as suas forças criativas serem capazes de criar novas formas incessantemente. A consciência, por mais abrangente que seja, é e continua sendo o círculo menor contido dentro do círculo maior do inconsciente, a ilha rodeada pelo oceano; e assim como o mar, o inconsciente também gera uma multiplicidade infinita de seres vivos em constante renovação e cuja riqueza é impossível abarcar por inteiro. Por mais instruídos que estejamos quanto à importância, aos efeitos e às características dos conteúdos inconscientes, jamais lhes penetraremos a profundidade e as possibilidades totalmente, pois são suscetíveis de variar ao infinito e sua potência a rigor não pode ser diminuída. A única maneira possível de tratá-los na prática consiste em assumir uma atitude consciente que permita a cooperação do inconsciente em vez de sua oposição (JUNG, 1971, p. 47).

Este é um belo trecho de Jung que resume a sua noção de que é impossível evitar a contratransferência, pois não há como conhecer por completo o próprio inconsciente, tamanho seu potencial. De modo que a análise serve ao analista para que mantenha esse clima de cooperação com o inconsciente. Esse é o diferencial.

JUNG (1971, p. 46) afirma que é básico que o analista tenha “melhores condições de tomar consciência dos conteúdos constelados, pois, de outra forma, ambos os lados ficariam aprisionados na mesma inconsciência”. Ou seja, há no terapeuta mais condições de tornar-se consciente, o que não significa estar totalmente ou muito mais consciente que o paciente, mas sim que seu contínuo contato com a alma favorece suas tomadas de consciência e suas retiradas de projeções.

E aí sim podemos reunir esta idéia à junção projeção-transferência. As projeções do cotidiano são, teórica e tecnicamente, iguais às da transferência. O trabalho feito pelo analista (o debruçar-se sobre sua própria alma) é que provê o contexto analítico de uma diferença: favorecer ao paciente o contato com a alma. Enquanto, no dia-a-dia, projetamos uns nos outros sem que se faça nada com isso, na análise a dupla analista/analizando projeta e recolhe com o intuito de favorecer a interação com a alma.

Um dos grandes temores dos analistas está em reconhecer as profundezas de seus sentimentos em relação aos pacientes. HILLMAN (1981, p. 116) trabalha com a questão do espaço necessário ao erro na análise, tendo em vista ser impossível qualificar, na análise, o que seja certo ou errado. Diz ele que o modelo “simples e normativo de sucesso (saúde ótima, ordem psíquica, integridade) não leva em conta que sucesso e fracasso podem ser concebidos não como pólos opostos de um continuum, mas como uma identidade, onde toda análise é fracasso e sucesso ao mesmo tempo”. Há, nesse rumo, uma mudança clara de postura do analista, que se permite errar. Cada aspecto da análise teria a qualidade de certo e errado ao mesmo tempo, de “condução e desorientação, crescimento construtivo e eliminação destrutiva – o que significa implicitamente que para uma análise ter êxito ela precisa fracassar”.

Seguindo a idéia, HILLMAN (1981, p. 120) ressalta:

Com isso, todo engano da vida, toda fraqueza, todo erro na e da análise, em vez de serem corrigidos e deplorados, ou distorcidos com racionalizações, ou transformados e integrados, tornam-se vias de acesso

ao fracasso, aberturas por onde se inicia a reversão de todos os valores. Mais do que um bloqueio a Eros e ao fluir da vida, podemos considerar os fracassos como sendo constelados, pretendidos e até mesmo finalmente causados pelo mundo subterrâneo, que deseja que a vida apresente falhas a fim de que outras atitudes, regidas por outros princípios arquetípicos, sejam reconhecidas.

Podemos entender os enganos citados pelo autor como atitudes e reações do analista diante do paciente. A possibilidade da falha do analista permite que o paciente falhe, vivencie seus enganos de maneira mais natural.

LÓPEZ-PEDRAZA (1989) também questiona o papel funcional que é esperado da análise. Analisando a figura de Hermes, em especial do Hermafrodita (que é a figura arquetípica resultante do processo transferencial em Jung), ele mostra que há uma condição de fraqueza essencial para transformar o movimento da psicoterapia em uma consciência mais psicológica, ou seja, mais cheia de alma e imagens. Por isso, faz ressalvas à psicoterapia que tenta se opor à fraqueza e ao pouco funcional.

Essa é a ressalva que se faz à psicologia que não consegue enxergar a sua própria sombra, cujos aspectos foram muito bem levantados por GUGGENBÜHL-CRAIG (2004). Para ele, é preciso dar lugar e mesmo reconhecer nossos *escorregões* na sombra inconsciente e profissional. Desse modo, ao assumirmos nosso lado obscuro, auxiliamos os pacientes em suas próprias confrontações com ele.

Com isso, os autores destacam a grande diferença entre o modelo de sucesso exigido nas profissões em geral e a psicoterapia. Não há como aplicar-se o mesmo paradigma. Na análise, não se pode esperar um resultado de sucesso, pois o resultado da análise acontece através de uma viagem por profundezas da alma, sujas e cheias de fracasso. Talvez o enorme “chamado” social pelo sucesso venha influenciando os analistas no sentido de evitarem o contato com as fraquezas, com suas falhas, características que aparecem muito na contratransferência, justamente.

GOODHEART (2000, p. 99) realiza uma longa explanação que está relacionada, também, a essa constante atitude de evitar ou sub-valorizar a contratransferência:

Parece-me que apenas agora, após um século de sóbria observação do processo analítico, de exame de sucessos, fracassos e impasses, além do enriquecimento constante da consciência analítica, somos capazes de começar a aplicar todas as conseqüências e implicações da visão teórica de Jung dos dois sistemas psíquicos em interação na prática real da análise

junguiana. O mais importante é que isso requer do terapeuta a rigorosa disciplina de uma consciência bem-treinada e a disposição de conviver com a experiência de ver o paciente continuamente esboçar sumária e irrefutavelmente – na associação livre, na imaginação ativa e no distúrbio de comportamento – as fraquezas mais conflituosas e desagradáveis do terapeuta (GOODHEART, 2000, p. 99).

Há um tradicional receio na assunção de uma perspectiva inteiramente interativa, ou seja, que leve a cabo a idéia junguiana dos dois sistemas psíquicos em interação. Esse receio está muito mais ligado à expressão da contratransferência, que acaba quase sempre sendo evitada. Segundo GOODHEART (2000, p. 99), isso tem base no mito do observador – intérprete inocente, em que o analista se exime de muito do que ocorre no espaço de interação analítico:

O que ali sucede é visto como ocorrência autônoma no contexto da presença de um terapeuta estável e facilitador que pode falhar de vez em quando. Assim, geralmente as interpretações ou comentários apresentados ao paciente assumem a forma de demonstração de padrões de comportamento ou constelações “complexas” ou “inconscientes” que o paciente vivencia ou contra o que luta. “*Você está vivenciando isso e aquilo*” ou “*seu inconsciente agora está lidando com isso e aquilo ou manifestando-o*” são o tipo de declaração que não exprime toda a verdade de um campo interacional. Elas sutilmente pressupõem que os eventos interiores do paciente são, no máximo, tangencialmente ligados ao comportamento do terapeuta. Elas não são verdadeiramente interacionais. Uma expressão melhor do processo interacional seria: “*Fiz isso e aquilo. Você me percebeu e vivenciou em suas imagens e comportamento de tal maneira específica e complexa e agora, por causa disso, você está vivenciando ou lidando com isso e aquilo – ou, pelo contrário, você deseja isso e aquilo ou está comportando-se assim ou assado*” (GOODHEART, 2000, p. 99-100).

O trecho supracitado exprime uma questão importantíssima. A interpretação que leva em conta a influência e o papel do sentimento e da ação do analista é muito mais relevante e notadamente mais funcional.

A participação do analista no processo, como destacava Jung, pressupõe essa postura corajosa de implicar-se. Isso pois essa postura exige que o analista se coloque a prova, prestando contas de suas colocações, assumindo equívocos e, assim, mostrando-se mais humano.

Ao contrário da premissa de que o terapeuta seria mais sã que o paciente, o princípio mais coerente e atual é aquele de que “parte do inconsciente do paciente é mais sã que o terapeuta ou, pelo menos, emite comentários sãos acerca das atitudes menos sãs ou equilibradas do terapeuta. É nisso que os terapeutas de hoje podem pautar-se” e depositar sua confiança (GOODHEART, 2000, p. 105).

Então qual é o entrave da contratransferência? Sabe-se que as projeções

geradas na análise, entre o par terapeuta/paciente, têm o objetivo de tornarem-se conscientes. Ou seja, são processos que ocorrem inconscientemente e através de símbolos (ou imagens, ou fantasias), para que exista ampliação de consciência e o Self cumpra sua função de individuação.

Assim, a tendência desses processos projetivos é a união, a *coniunctio*<sup>5</sup>. A grande problemática reside na diferença entre a conjunção simbólica (que entendo que seja o movimento natural da psique) e a literal. Quando se torna literal a conjunção, aí sim temos um *problema* de transferência e contratransferência. Nesse momento aparecem os abusos de poder, relação sexual, dentre outros.

GOODHEART (2000) explica e exemplifica essa questão de maneira brilhante. Demonstra uma situação prática em que uma analista atende ao pedido do analisando para fumar no consultório, num contexto de início de análise e quando o paciente experimentava a ansiedade de entrar em contato com suas questões profundas inconscientes. Se o analista for capaz de perceber a simbologia da situação e responder a isso, o paciente será

capturado numa teia de significado, empatia e compreensão simbólica mútua. Esse é um momento de co-união, de *coniunctio* embrionária, para paciente e terapeuta. Ele é o auge de uma união não-aberrante, de uma união não-natural – uma união *contra naturam*. A entrega do cinzeiro foi um momento de união aberrante e natural, um momento de incesto físico, um momento em que ambos se viram nas presas mortais da corporalidade material da mãe, que destrói temporariamente o círculo fascinante (GOODHEART, 2000, p. 101-102).

No exemplo do autor, há um suposto equívoco na entrega do cinzeiro ao paciente, que fuma para evitar a ansiedade que vivencia. O equívoco residiria em atender a um pedido que visa tornar literal um processo que é, na verdade, simbólico. Porém, mesmo assim, GOODHEART (2000) mostra que a interpretação que o analista faz do seu próprio ato de entregar o cinzeiro pode ser uma forma útil na situação terapêutica.

Isso nos mostra que não deve haver temor às reações de

---

<sup>5</sup> Coniunctio, hierosgamos ou casamento místico. JUNG (1971) utilizou uma seqüência de imagens do tratado alquímico Rosarium philosophorum para demonstrar que a “fantasia” criada pelo alquimista ao fazer experiências com a matéria e tentar explicá-la tinha uma grande influência inconsciente. Ou seja, com pouca técnica, o alquimista explicava os fenômenos que presenciava a luz de seu arcabouço inconsciente profundo. A partir disso, Jung entendeu que as imagens dos tratados alquímicos tinham grande relação com os arquétipos do inconsciente coletivo. Na obra em questão, percebeu que a relação estabelecida no tratado, referente ao casamento alquímico, representava de forma detalhada aspectos da relação de transferência e contratransferência. Sua conclusão principal, nesta obra, foi a de que a *coniunctio* entre rei e rainha era uma representação da relação de opostos, uma relação simbólica e não carnal ou erótica.

contratransferência, que o caminho não está em evitá-las. Deve existir uma busca por percebê-las e implicar-se no processo, relatando-as e interpretando. Com isso, a necessidade da análise pessoal para o analista deve mais uma vez ser ressaltada.

Em resumo, no início da análise a busca é por vínculo e aliança terapêutica, onde o analista trabalha para ajudar o paciente a compreender seu sofrimento. Se a aliança tem sucesso, logo o analista envolve-se com a psicopatologia do paciente e relaciona-se com ela. O analista está então engajado com seu paciente, o que significa que já terá feito projeções sobre o paciente e que processos inconscientes terão iniciado. A diferença entre eles é que o terapeuta confiará nas operações dos elementos inconscientes em si-mesmo. Para isso, ele terá se submetido à análise pessoal e levado casos para supervisão. E durante esse período de treinamento, ele terá obtido familiaridade com aquela parte da análise chamada contratransferência (FORDHAM, 1978, p. 91).

KRAEMER (1974, apud FORDHAM, 1978) relatou exemplo de uma terapeuta que acreditava no amor aos pacientes e nos bons desejos em relação a eles. Tratava um de seus pacientes como especial, tanto que começou a contá-lo seus próprios sonhos. Contou um em que ela entrava em uma caverna de mãos dadas com o cliente, afirmando que acreditava que o guiaria pelo labirinto até a saída no outro lado. O paciente voltou mais deprimido para a outra sessão, mas ela havia feito preparações especiais. Ele contou um de seus sonhos com algumas associações, mas ela queria contar a ele os seus próprios, tinha 'algo muito feliz para contá-lo'. O resultado foi que o paciente não queria ouvir o sonho, afirmou isso. A terapeuta destacava o valor do que estava oferecendo a ele e, ainda, continuou a sessão além do tempo, ficando irritada com o desejo do paciente em encerrar o encontro. O paciente deprimiu-se ainda mais e procurou outro terapeuta, que teve que escrever à primeira, insistindo para que parasse de escrever cartas ao ex-paciente.

O erro é tão grosseiro que é possível pensar que não há nada a ser dito. Porém, é o componente incontrolável da atitude da analista que foi desastroso, não necessariamente o sentimento envolvido. Apesar de alguns entenderem que a ação da terapeuta foi notadamente inapropriada, o sentimento que foi invocado não é essencialmente errado (FORDHAM, 1978, p. 72).

Assim, afirmo novamente que a necessidade da análise pessoal tem uma função: permitir que o analista esteja em contato permanente com sua alma. Não é

exigida para que evite sentir, desejar ou vivenciar. Porém, é importante para que a contaminação psíquica inevitável ao processo analítico seja olhada com atenção e não se torne uma ação tão desligada da individuação do paciente como o exemplo acima demonstrou.

JACOBY (1992, p. 28-30) concorda com esse pensamento. Ele se utiliza do modelo quádruplo da transferência junguiana para mostrar que há projeções de ambos os lados. Então, levanta a necessidade de análise de treinamento e entende que a projeção em demasia pode ser desastrosa, mas que é inevitável que existam projeções. Assim, pensa que a atitude do analista de questionar seu ponto de vista, suas reações e sentimentos, facilita muito o trabalho.

Nesse sentido, JUNG (1985a, p. 129) entende que mesmo desligando-se das emoções do paciente, o analista não pode deixar de ser influenciado por elas. Trata-se de um grande erro achar-se isento dessa influência. “O máximo que pode acontecer é ele ter consciência do fato de estar afetado e se isso não acontecer ele estará tão indefeso que começará a ser levado por esse fator”.

GAMBINI (2008, p. 172) fala do espaço importante das falhas e da forma de lidar com elas. Diz que o “analista pode se enganar a respeito daquela pessoa que está na sua frente”. Então, é preciso “perceber, consertar, voltar atrás, reconhecer que errou, e aí é em benefício do paciente que – aí, sim, e isso eu faço – é preciso expor a contratransferência”.

A partir daí, justifica-se de modo claro a exigência da análise pessoal. A posição junguiana não é ingênua, porém, porque não acredita na isenção do analista. Como afirma GAMBINI (2008, p. 172), “não é que eu me mantenha áulico enquanto terapeuta, completamente depurado, apenas o paciente sendo portador de personagens: eu também tenho os meus! Então, estamos ambos lidando com um campo intermediário, entre nós dois, que é povoado, densamente povoado”.

## 5 FUNÇÃO TRANSCENDENTE E A CONIUNCTIO

Em seu maior trabalho sobre a questão da transferência, o livro *Ab-reação, análise de sonhos, transferência*, JUNG (1971) tratou da dimensão arquetípica do fenômeno através das imagens de um tratado alquímico chamado *Rosarium philosophorum*. O autor demonstrou uma noção totalmente diferente da relação analista e analisando, que serviria para o fim específico da união dos opostos, simbolizados nas figuras pelo rei e pela rainha alquímicos. A metáfora do casamento alquímico, a chamada *coniunctio*, serve de paralelo à relação terapêutica e, também, à relação do paciente com sua própria alma, seu inconsciente.

A noção de opostos permeia toda a obra do psiquiatra suíço. JUNG (1990) explica que, no campo psicológico, a problemática dos opostos é expressa pela dissociação da personalidade em tendências divergentes e incompatíveis. A questão dos opostos foi objeto da alquimia por longo tempo. E a análise visa confrontar os opostos e uni-los estavelmente, depois. Ora, a transferência equivale ao casamento alquímico, o hierosgamos.

Em uma explanação ampla, JUNG (1985a) mostra que as idéias referentes ao problema da união dos opostos, em sua formulação sexual, estavam prontas há séculos, mas só foram desenterradas por Freud quando as mentes e a objetividade científica assim o permitiram. Vê que apesar do fascínio exercido pelo aspecto sexual, ele é apenas um dos lados do fenômeno, justamente aquele que mais turva o juízo. “O papel preponderante desempenhado no plano histórico pelo hierosgamos e pelas bodas místicas, com também pela “coniunctio” dos alquimistas, corresponde ao significado central da transferência no processo psicoterapêutico” (JUNG, 1985a, p. 182).

Isso significa que análise e, conseqüentemente, a transferência tem como objetivo central confrontar e unir opostos. Aquilo que gira em torno de opostos, seja ou não ligado diretamente à figura do analista, terá papel na relação do paciente com sua alma. O que isso quer dizer? Que os opostos estão no interior do paciente e que, por isso, fazem parte da transferência.

“A meta da análise é estabelecer um relacionamento entre o ego consciente e o inconsciente. A presença do analista como ser-humano é ao mesmo tempo *um instrumento a serviço do Si-Mesmo*” (JACOBY, 1992, p. 119). Lidar com o



inconsciente é um processo chamado de função transcendente, ou seja, estabelecer uma ponte entre o consciente e o inconsciente. É natural e manifestada pela tensão entre os opostos. “O processo natural de unificação dos contrários serviu-me de modelo e fundamento para um método que consiste em provocar intencionalmente o que a natureza produz inconscientemente e espontaneamente e integrá-los à consciência” (JUNG, 1987, p. 72). Em outras palavras, “a terapia é, na essência, o esforço para estabelecer um relacionamento adequado entre o ego e o estado inconsciente” (WHITMONT, 1994, p. 259).

Não só na análise, a problemática dos opostos sempre teve grande importância no entendimento junguiano da vida humana. JUNG (1987, p. 53) afirmou que na segunda metade da vida, emerge a função dos contrários que estava adormecida no inconsciente, gerando renovação da vida. “No entanto, este desenvolvimento não se faz mais através da solução de ligações infantis, da destruição de ilusões infantis e da transferência de imagens antigas para novas figuras, mas passa pelo problema dos contrários”.

Destaca-se, neste momento, que a noção da transferência enquanto solução de opostos é mais ampla que aquela da psicanálise e sua redução às ligações infantis. Assim como a generalização da energia psíquica para além da energia sexual, a psicologia analítica vê na transferência um fenômeno mais amplo que puras projeções eróticas.

Em suma, STEINBERG (1990, p. 45) afirma que durante “o processo de individuação, uma pessoa passa por uma série de experiências de crescente unidade entre o ego e o inconsciente, simbolizadas por imagens da coniunctio. Essas experiências são mediadas através do relacionamento analítico”.

Assim, a imagem do casamento alquímico é um símbolo para a união entre consciente e inconsciente. A primeira conjunção é o encontro com a sombra. “Os conteúdos da sombra são projetados não só porque o sistema psíquico defensivamente se livra de estímulos internos penosos, mas também porque o anseio pela individuação pede que o inconsciente seja integrado; a projeção é o mecanismo para que se atinja esse fim” (STEINBERG, 1990, p. 45).

A união de opostos é também trabalhada no conceito de função transcendente. JUNG (1971a) apresenta essa função psíquica como o resultado de um processo natural de oposição entre conteúdos conscientes e inconscientes, cuja tendência natural é de se comportarem de modo complementar e compensatório.

Mais que isso, entende que essa busca pela reunião consciente e inconsciente é a atitude espiritual e moral necessária ao terapeuta.

A função transcendente acontece através do símbolo. Este é, para JUNG (1964, p. 18), um termo, nome ou imagem “que nos pode ser familiar na vida cotidiana, embora possua conotações especiais além do seu significado evidente e convencional. Implica alguma coisa vaga, desconhecida ou oculta para nós”.

Assim, uma palavra ou uma imagem é simbólica quando implica alguma coisa além do seu significado manifesto e imediato. Esta palavra ou esta imagem tem um aspecto “inconsciente” mais amplo, que nunca é precisamente definido ou inteiramente explicado. E nem podemos ter esperanças defini-lo ou explicá-lo. Quando a mente explora um símbolo, é conduzida a idéias que estão fora do alcance de nossa razão. A imagem de uma roda pode levar nossos pensamentos ao conceito de um sol “divino” mas, neste ponto, nossa razão vai confessar a sua incompetência: o homem é incapaz de descrever um ser “divino”. Quando, com toda a nossa limitação intelectual, chamamos alguma coisa de “divina”, estamos dando-lhe apenas um nome, que poderá ser baseado em uma crença, mas nunca em uma evidência concreta.

Por existirem inúmeras coisas fora do alcance da compreensão humana é que freqüentemente utilizamos termos simbólicos como representação de conceitos que não podemos definir ou compreender integralmente. Esta é uma das razões por que todas as religiões empregam uma linguagem simbólica e se exprimem através de imagens. Mas esse uso consciente que fazemos de símbolos é apenas um aspecto de um fato psicológico de grande importância: o homem também produz símbolos, inconsciente e espontaneamente, na forma de sonhos (JUNG, 1964, p. 20-22).

O símbolo, portanto, está sempre relacionado ao indizível, incompreensível e nunca ao conceitual, racional. São figuras de significação muito ampla, pois são produtos do inconsciente mais profundo. Nas palavras de JUNG (1973, p. 11), precisamente, o valor da expressão simbólica é este: “pode ser lido de diversas maneiras por indivíduos diferentes”.

Em carta à Miss Oakes, uma etnóloga com quem manteve contato, detalhou a complexidade do que entendia por símbolo, demonstrando como é preciso partir de uma abordagem simbólica para lidar com conteúdos tão profundos e desconectados da explicação racionalista. JUNG (1973, p. 14) escreveu:

Mas como não reivindico de forma nenhuma ser proprietário bem-aventurado de verdades metafísicas, prefiro que atribua aos meus símbolos o mesmo caráter de tentativa que a senhorita atribui à sua explanação. Pode ver que não tenho convicções religiosas ou outras a respeito de meus símbolos. Eles podem mudar amanhã. São meras alusões, eles indicam algo, eles balbuciam e muitas vezes perdem seu caminho. Eles procuram apenas apontar para certa direção, isto é, para aqueles horizontes obscuros para além dos quais está o segredo da existência. Eles não são nenhuma gnose, não são afirmações metafísicas. Em parte são até mesmo tentativas fúteis ou duvidosas de expressar o inefável. Por isso seu número é infinito e

a validade de cada um é incerta. Nada mais são do que humildes tentativas de formular, definir e dar forma ao indizível.

No mais, o símbolo caracteriza-se por ser, ao mesmo tempo, resultante e mediador do processo de unificação de opostos. Ou seja, é aquele que proporciona uma síntese dos contrários e, ainda, representa essa síntese. Nas palavras de JUNG (1986, p. 111), o confronto de consciente e inconsciente “faz com que a luz brilhe nas trevas, e não somente seja compreendida pelas trevas, como também as compreenda”. Utiliza a imagem do *filius philosophorum* para indicar que o símbolo é o resultado e, simultaneamente, a possibilidade de união dos opostos. É “o Mediator e o Intermedius. “Habet mille nomina” [tem mil nomes], dizem os alquimistas, indicando, com isto, que a causa de onde decorre o processo de individuação e para a qual este processo tende é um “inefabile” sem nome”.

Em outros termos, o símbolo reúne características de representar o indizível, característica que o liga ao inconsciente. Também, apresenta-se como resultado do processo de unificação dos opostos, enquanto uma imagem de síntese, ampla e, como aquela que contém os opostos, uma imagem paradoxal. Por isso é referida como aquela que tem mil nomes. E, ainda, o símbolo trabalha enquanto mediador do processo de união dos opostos. O que isso significa? Que o símbolo possui uma conexão profunda com a função transcendente. Ou melhor, a função transcendente se realiza através do símbolo.

É em função disso que JUNG (1964, p. 100) afirma que a “função transcendente não se desenvolve sem meta, mas conduz à revelação do essencial no homem”. Trata-se de um processo natural, em que “*o sentido e a meta do processo são a realização da personalidade originária, presente no germe embrionário, em todos os seus aspectos*”. O referido processo é o que se chama de processo de individuação, em que há o estabelecer e desabrochar da “*totalidade originária, potencial*”. Para isso, o autor entende que há símbolos utilizados pelo inconsciente.

Nesse momento, Jung reúne os símbolos enquanto propiciadores e resultantes da função transcendente. De forma que a síntese dos opostos proporciona integrações simbólicas que, por fim, movimentam um processo amplo de contato do sujeito consigo mesmo, de contato de ego com o Self, de conexão com a alma: o *processo de individuação*.

Ora, se a análise deve buscar unificar opostos e cumprir seu papel através

da função transcendente, percebe-se que a transferência equivale à busca por transcender a oposição típica do ser-humano através de um contato com símbolos e, conseqüentemente, com a psique inconsciente. Transcendência, portanto, não significa nada de muito misterioso ou muito metafísico. Trata-se da construção de uma ponte de ligação do ser com sua alma. Assim, na prática

é o médico adequadamente treinado que faz a função transcendente para o paciente, isto é, ajuda o paciente a unir consciência e o inconsciente e, assim, chega a uma nova atitude. Nesta função do médico está uma das muitas significações importantes da *transferência*: por meio dela o paciente se agarra à pessoa que parece lhe prometer uma renovação da atitude; com a transferência, ele procura esta mudança que lhe é vital, embora não tome consciência disto. Para o paciente, o médico tem o caráter de figura indispensável e absolutamente necessária para a vida. Por mais infantil que esta dependência possa parecer, ela exprime uma exigência de suma importância, cujo malogro acarretará um ódio amargo contra a pessoa do analista. Por isso o importante é saber o que é que esta exigência escondida na transferência tem em vista: a tendência em considerá-la em sentido redutivo, como uma fantasia infantil de natureza erótica. Isto seria tomar esta fantasia, que em geral se refere aos pais, em sentido literal, como se o paciente, ou seu inconsciente, tivesse ainda ou voltasse a ter aquelas expectativas que a criança de outrora tinha em relação a seus pais. Exteriormente, ainda é aquela mesma esperança que a criança tem de ser ajudada e protegida pelos pais; mas, no entretanto, a criança se tornou um adulto, e o que era normal na criança é impróprio para o adulto. Tornou-se expressão metafórica da necessidade de ajuda não percebida conscientemente em situação crítica. Historicamente, é correto explicar o caráter erótico da transferência, situando sua origem no eros infantil, mas, procedendo desta maneira, não entenderemos o significado e o objetivo da transferência, e interpretá-la como fantasia sexual infantil nos desvia do verdadeiro problema. A compreensão da transferência não deve ser procurada nos seus antecedentes históricos, mas no seu objetivo (JUNG, 1971a, p. 6).

Há diversas implicações da fala de Jung. Ultrapassamos a pura redução da transferência às questões infantis e eróticas. Embora isso possa estar presente, mesmo assim existem questões que vão além dos antecedentes históricos, das causas. Este ponto de vista é outro grande diferencial da perspectiva junguiana: a visão prospectiva da psique. Outro diferencial que possui um papel central é a já referida função transcendente.

Cabe detalhar o caminho trilhado por Jung para compreender o papel da análise enquanto uma facilitadora da função transcendente. Para isso, o autor utilizou-se de uma linguagem simbólica, arquetípica, para demonstrar o processo de unificação dos opostos. Conforme referido anteriormente, ele utilizou para isso o tratado alquímico *Rosarium*, publicando sua obra *A psicologia da transferência*, pela primeira vez em 1946 na forma de livro. Uma descrição completa das gravuras, com

toda sua gama de significação, não tem espaço neste trabalho, de forma que a simbologia da *coniunctio* será passada rapidamente.

A primeira ressalva a ser feita é que a *coniunctio* pode sugerir uma relação *sexual* que se está desenrolando. No entanto, é importante perceber que a relação em questão é uma relação simbólica. Conforme HALL (1986, p. 86), “As fantasias sexuais, ao contrário da ação sexual direta, constituem parte integrante da relação analítica, aparecendo muitas vezes em sonhos, e não na consciência vígil”. São sentimentos que representam “um profundo vínculo psicológico entre as duas pessoas, compartilhando da imagética arquetípica da *coniunctio* alquímica, a união dos opostos”.

A seqüência de gravuras do tratado inicia com o rei e a rainha, conectados pelas mãos esquerdas, alusão à natureza inconsciente da relação. A gravura contém inúmeros opostos e uma pomba, que simboliza o espírito – ou seja, a relação simbólica. No caminho, o casal real perde as vestimentas, o que pode ser visto como o aparecer da verdade da sombra, das verdades nuas de ambos (JUNG, 1971).



Figura 1 – O Rei e a Rainha  
Fonte: JUNG (1971)

Então, reúnem-se em um coito imerso na água, ou seja, no inconsciente. Em seguida, o casal apresenta asas, o que reafirma o caráter simbólico da relação. “É que nesse instante o significado do símbolo é realizado: os próprios parceiros tornaram-se o símbolo. No início cada um deles representa dois elementos; a seguir, esses elementos unem-se, dois a dois, em um só”. Integra-se a sombra e, então, “esses dois juntamente com um terceiro elemento, fundam-se numa totalidade” (JUNG, 1971, p. 119).



Figura 2 – A coniunctio  
Fonte: JUNG (1971)

A isso, segue-se uma fusão, em que os corpos dos opostos unem-se e, como numa sepultura, morrem. A morte dos opostos é representada pela *nigredo* alquímica. Confusão e períodos de trevas serão enfrentados na análise. STEIN (1999, p. 245) entende que os períodos de transferência negativa são representantes dessa confusão. Mesmo assim, seja qual for a constelação da transferência, mesmo a negativa, percebe-se a “necessidade de unificação do Rei e da Rainha arquetípicos, do *hierosgamos*, que está por trás da transferência”.

Após a “morte” dos opostos, das trevas ascende a alma. E novas luzes surgem ao processo analítico, que começa a clarificar. A morte é necessária para que algo novo apareça (JUNG, 1971). A última figura do *Rosarium* representa a conclusão do processo analítico. Transferência e contratransferência dão origem a um novo momento. Os opostos – figurados pelo para analítico e entre

paciente/analista e seus inconscientes – tornar-se-ão um terceiro, que os sintetiza e é representado pelo Hermafrodita (imagem que será trabalhada no último capítulo). Quanto a esse resultado da análise, PERRY (1997, p. 155) afirma que:

Both patient and analyst have traveled further along the path of individuation; both have been transformed by the work. The patient hopefully has introjected the analyst as a helpful figure, and has internalized the analytic relationship, which will continue to act as a positive, potent inner resource, particularly during difficult times. The analyst likewise has enlarged and deepened his/her clinical experience and expertise, and has changed primarily as a result of his/her mistakes and failings.<sup>6</sup>

Essa é a essência do processo de análise pautado na função transcendente da *coniunctio*. Uma relação que, internalizada, proporciona crescimento a ambos, a partir de novas sínteses e integrações.

E tamanha era a importância dada à *coniunctio*, que JUNG (1971, p. 119-120) destacou quão surpreendente era o fato de em grande quantidade dos casos, o desligamento da transferência era impossível. A simples retirada da projeção e seu deslocamento para outro objeto que não o analista ou o contexto analítico não resultam em bons resultados, pois “o inconsciente insiste manifestamente em manter a ligação”.

É claro, os movimentos inconscientes de transferência e contratransferência servem à *coniunctio*, ou seja, à união de opostos simbólica da análise. Desse modo, a tendência é que a ligação seja mantida, pois assim o movimento em direção à individuação estará garantido.

---

<sup>6</sup> Ambos, paciente e analista, viajaram através do caminho da individuação; ambos foram transformados pelo trabalho. Com sorte, o paciente terá introjetado o analista como uma figura de grande auxílio, e terá internalizado o relacionamento analítico, que continuará agindo como um recurso positivo e internamente potente, particularmente durante períodos difíceis. Da mesma forma, o analista terá ampliado e aprofundado sua experiência clínica, principalmente a partir de seus erros e falhas (tradução livre o autor).

## 6 O TRABALHO DA ALMA E A TELEOLOGIA JUNGUIANA

O valor da função transcendente é inestimável. JUNG (1971a, p. 23) afirma que ela “constitui não apenas um complemento valioso do tratamento psicoterapêutico, como oferece também ao paciente a inestimável vantagem de poder contribuir, por seus próprios meios, com o analista, no processo de cura”.

Trata-se efetivamente de um movimento de união, que se visualiza na análise, mas que representa uma união de opostos inerente à alma do paciente. Nesse sentido, STEIN (1999, p. 243-244) afirma que

A necessidade mútua de ligação da alma do analista e do analisando está por trás da projeção arquetípica intrincada liberada na transferência. Quando a necessidade de união entre analista e analisando é menos valorizada do que a necessidade terapêutica do relacionamento, essa necessidade de união funcionará autônoma e inconscientemente exatamente como ocorre no relacionamento pai/mãe e filho(a) tipicamente negativo. Em vez de a criança negligenciada ser curada na análise, sua ferida se tornará ainda mais profunda. Além disso, ao chamar a necessidade de união de “transferência” e tentar interpretá-la (e afastá-la), a terapia se torna o reverso destrutivo de si-mesma. Tanto a criança quanto a individuação da alma são prejudicados (STEIN, 1999, p. 243-244).

Parece, desta feita, que a transferência resulta da necessidade de união própria da alma humana, como se seu movimento próprio existisse para um fim específico: re-ligar o homem com seu inconsciente. O problema citado pelo autor está na posição redutiva de afastar esta ligação, ao se tentar compreendê-la como uma neurose, tratá-la. A ligação com a alma é sempre mais simbólica, imaginativa, pouco conceitual.

Em virtude da natureza do receptáculo analítico e da sincera preocupação do analista, a alma negligenciada e abandonada começa a se mexer e a sair da sua câmara oculta. Grande fluxo de calor e sentimento avança na direção do analista, que logo é vivenciado como possuindo e contendo a misteriosa substância de que precisamos para ser completos. Isso foi descrito como sendo causado pelo fenômeno da projeção. Trata-se de conceito eficaz, porém incompleto; acredito que também seja provocado pela experiência da alma que é estimulada e desejada na situação analítica. Seja como for, essa experiência da nossa alma perdida, numa situação terapêutica, oferece a possibilidade de finalmente a recuperarmos. A partir desse ponto de vista, fica claro que o relacionamento com o analista é fundamental para esse processo de reintegração e reunião com a própria alma (STEIN, 1999, p. 250).

A relação com o analista serve de suporte para a relação do paciente com sua alma. Essa ligação interior do sujeito é simbolizada e ritualizada na análise, que



serve como espécie de modelo. STEIN (1999, p. 255-256) diz que “a meta do processo analítico pode ser simplesmente definida: a conexão da alma, o relacionamento adequado entre o ego e a alma”.

Em certo sentido, a idéia de ponte, função transcendente ou mesmo de conexão remete ao próprio papel da *anima*, ou da alma. É como se o próprio inconsciente buscasse essa ligação. JUNG (1971, p. 158) mostra que o próprio analista simboliza, no contexto analítico, esse papel de *anima* quando busca conectar os pólos. Diz que “depois de uma profunda e demorada crítica e uma dissolução das projeções permitiram que se realizasse uma diferenciação entre o eu e o inconsciente, a anima vai pouco a pouco deixando de ser uma personalidade autônoma”. Passa a ser então “a função de relação entre o consciente e o inconsciente”.

Trata-se da noção do *esse in anima* junguiano, que é justamente a síntese que surge de uma dupla de opostos, uma síntese de perspectiva, que permite a conexão, união e construção sobre os pólos contrários. De modo que o analista que favorece a função dessa alma relacional proporciona melhoras.

O *esse in anima* é o terceiro, o ponto de vista conciliador, que soluciona a oposição *esse in intellectu* e *esse in re*. Ao intelecto, falta realidade palpável. À matéria, falta espírito. Agora, idéia e coisa se encontram e contrastam na psique humana. A realidade vital não se fundamenta exclusivamente no comportamento efetivo e objetivo das coisas nem mesmo na fórmula ideal e metafísica das possibilidades. É virtude da conjunção de ambos, dentro do processo psicológico vital, pelo *esse in anima*. Somente a atividade psíquica é capaz de atingir essa realidade e a expressão que melhor identifica essa atividade é a fantasia (JUNG, 1971c).

A referência ao *esse in anima* é relacionada ao conceito de *mundus imaginalis* por SAMUELS (2003). Ele afirma que o mundo imaginal é um nível de realidade encontrado em algum lugar entre as primeiras impressões dos sentidos e a cognição ou espiritualidade mais avançada. Trata-se de imagens enquanto estruturantes da psique, em vista da impossibilidade do acesso ao arquétipo em si.

O arquétipo em seu estado puro não pode ser acessado e, assim, jamais aparece separado das imagens. Assim, diversos autores na psicologia analítica optaram por trabalhar diretamente com as imagens, as expressões arquetípicas mais genuínas possíveis. Fazendo um paralelo com o fenômeno

contratransferencial, SAMUELS (2003) afirma:

It is possible to see, therefore, how the *mundus imaginalis* acquired a relevance for the countertransference phenomena we have been discussing. They, too, are intermediate: in between client and analyst, and also in-between the analyst's conscious and unconscious. My use of Corbin's idea involves the suggestion that two persons, *in a certain kind of relationship, may constitute, or gain access to, or be linked by, that level of reality known as the mundus imaginalis*. For the client, the analyst him/herself is an in-between, a real person and also a transference projection. For the analyst, the world he or she shares with the client is also the client's own imaginal world.<sup>7</sup>

A idéia é que as imagens, sentimentos e fantasias vivenciados na contratransferência são, também, aspectos do paciente. Quando percebidas em nível pessoal e ainda em sua origem na psique do paciente, percebe-se um estado dialético entre paciente e analista. De forma que, para SAMUELS (2003), a sugestão é que existe um *mundus imaginalis* dual ou compartilhado que é constelado na análise.

A relação estabelecida na análise foi entendida por JUNG (1985) como uma relação dialética, ou como um diálogo entre duas pessoas. Ele explica que a dialética “adquiriu o significado de método para produzir novas sínteses” através do contato de dois sistemas psíquicos.

A visão da psicologia arquetípica retrata justamente este aspecto da transferência. HILLMAN (1992, p. 85-86) afirma:

Uma vez que o amor da alma é também o amor da imagem, a psicologia arquetípica considera a transferência, incluindo suas mais extremas demonstrações sexualizadas, como sendo um fenômeno da imaginação. Em nenhum outro lugar a impessoalidade do mito toca a vida humana mais pessoalmente. Assim a transferência é o paradigma para a elaboração das relações do pessoal e literal com o impessoal e imaginal. A transferência é, portanto, nada menos do que o Eros exigido pelo próprio despertar da realidade psíquica; e esse despertar impõe papéis arquetípicos ao paciente e ao terapeuta, ressaltando o do “paciente psicológico”, que se refere àquele que sofre ou está apaixonado pela psique.

Para além da questão imaginativa, que não cabe ao presente estudo, entende-se que o autor se refere justamente à relação com a alma, permeada por

---

<sup>7</sup> É possível perceber, então, como o *mundus imaginalis* adquire importância para os fenômenos da contratransferência que vínhamos discutindo. Eles também são intermediários: situam-se entre analista e paciente e também entre a consciência e o inconsciente do analista. Meu uso da idéia de Corbin envolve a sugestão que duas pessoas, *em um certo tipo de relacionamento, podem constituir, ou acessar, ou vincular-se àquele nível da realidade conhecido por mundus imaginalis*. Para o cliente, o(a) analista é como um intermediário, uma pessoa real e também uma projeção transferencial. Para o analista, o mundo que compartilha com o cliente é também o próprio mundo imaginativo dele (tradução livre o autor).

Eros, aquele que faz a ligação. Uma ligação que é feita quando ocorre o referido “despertar” para a realidade psíquica. Uma ligação entre o literal e o metafórico, entre ego e inconsciente.

A transferência pode ser olhada também enquanto um fenômeno prospectivo, ou seja, que contém um objetivo em sua própria origem. De modo que existe um para quê especial, uma finalidade. Essa conclusão pode ser tirada quando entendemos a transferência como uma forma de projeção.

Sabe-se que a dinâmica da relação consciente e inconsciente é dada pelo fato de que o lado sombrio “quer ser reconhecido e o faz através da via indireta da projeção” (GAMBINI, 1988, p. 37). Ou seja, o movimento natural do inconsciente é projetar-se – nas mais diversas e inusitadas figuras – com um importante objetivo: ser reconhecido. Isso inevitavelmente nos obriga a entender que o inconsciente se move de modo prospectivo, com vistas à tomada de consciência. Se entender que a transferência e a contratransferência são projeções, perceberei que são movimentos prospectivos. É como se “pedissem” para serem reconhecidos, pois de certa forma são muito importantes para o processo como um todo.

Por isso, GAMBINI (1988) diz que se há um inconsciente coletivo, então deve existir um processo, um movimento geral em que alguns arquétipos ascendem, retraem e dissociam e outros se juntam, afetando tanto as vidas individuais quanto o curso humano. Mas a mente consciente só pode percebê-los quando projetados. A projeção assume a posição de um importante instrumento para se abordar o inconsciente, uma via indireta ao conhecimento de si - mesmo e, por vezes, uma forma potencial de antecipação de um desenvolvimento futuro preparado previamente pelo inconsciente.

Sabe-se que o arquetípico apresenta-se como um potencial e, como tal, tende a desenvolver-se. Desse modo, entendo que os processos de transferência e contratransferência mobilizam a psique a fim de um desenvolvimento.

De forma indireta, até mesmo FREUD (1969, p. 119) inseria um pouco de teleologia em sua psicologia: “Não se deve esquecer que são precisamente eles [fenômenos da transferência] que nos prestam o inestimável serviço de tornar imediatos e manifestos os impulsos eróticos ocultos e esquecidos do paciente”.

É claro que, embora se perceba na passagem acima uma função a ser cumprida pela transferência, Freud não pôde desligá-la das questões eróticas e reprimidas. Não esqueçamos que a teleologia é um dos grandes diferenciais da

abordagem sintética levantada pela psicologia analítica.

JUNG (1971b) entendia que os processos inconscientes encontram-se numa relação compensatória em relação à consciência, complementam-se mutuamente para formar uma totalidade, o Si-mesmo. O inconsciente teria assim elementos necessários para a auto-regulação da psique como um todo.

A partir dessa perspectiva de compreensão do inconsciente, JUNG (1971c) entenderá que seu método de psicoterapia deve ser sintético ou construtivo, em oposição ao método redutivo ou causal da psicanálise. Essa diferença está no ato de construir ou erigir, que guia o trabalho da análise. Com base em uma noção teleológica – ou prospectiva – respeita-se a orientação de finalidade apresentada pelos conteúdos inconscientes, para além da sua causalidade.

WHITMONT (1994, p. 54) segue o mesmo caminho quando afirma que a projeção “não é uma manobra defensiva deliberada, mas um estado original que não oferece escolha, e é o caminho através do qual um complexo inconsciente tenta chegar ao nosso consciente”.

O inconsciente contém em sua origem um potencial para movimentar-se através da projeção, com o objetivo de ser reconhecido e integrado pelo ego. Esse é seu caminho e sua função. Enquanto representante do trabalho da alma, aquele de unir ego e inconsciente, os fenômenos de transferência e contratransferência são representantes desse movimento prospectivo, que visa integração.

STEINBERG (1990, p. 45) resume todo o caminho da análise junguiana, em termos do tratamento e do manejo da transferência e contratransferência:

Enquanto que os conflitos pessoais de amor e ódio, de desejo e medo são analisados redutiva e casualmente, de forma que o indivíduo possa ficar ciente das influências que o determinam, há também um valor prospectivo ou objetivo nessa redução. A transferência negativa, por exemplo, representa não só a projeção dos conflitos infantis agressivos do paciente mas também a necessidade de libertar-se dos vínculos com as imagens parentais, como passo inicial na evolução individual. [...] Ao repetir na relação analítica as etapas mal-sucedidas dos primeiros estágios da vida, apresenta-se uma nova oportunidade para se separar da identificação inconsciente com os valores parentais e caminhar para a idade adulta.

Se concluirmos que a transferência trabalha à união da alma, e que esse movimento é natural ao inconsciente, podemos concluir que as projeções entre analista e analisando são arquetípicas.

“A transferência sempre tem suas raízes arquetípicas, sempre tem ligação com necessidades instintivas e suas fantasias correlatas. Afinal de contas, a

situação freudiana de Édipo é também arquetípica. O próprio fenômeno da transferência é, ele próprio, arquetípico” (JACOBY, 1992, p. 91).

Não se trata de uma questão pessoal. Jung utilizou a alquimia e a idéia do hierosgamos como símbolo da transferência [...]. “Num casamento ou numa terapia pode estar ocorrendo um processo de individuação mútua, ou seja, o processo de um afeta o processo do outro”. A origem desse processo tem base no casamento interior, a “unificação de fragmentos interiores pode chegar ao fim sem uma experiência de amor” (GAMBINI, 2008, p. 107).

Ora, a transferência é arquetípica, é espontânea, humana e natural. As projeções na análise são expressões e movimentos em direção à *coniunctio*, desde que sejam trabalhadas. Existem para que cumpram sua função original, casar o sujeito com sua alma.

GUGGENBÜHL-CRAIG (2004) também aponta para o fato de a relação estabelecida na análise ser arquetípica, ou seja, ter base em uma forma inerente e potencial da vivência humana. Como tal, possui dois pólos tanto no analista como no paciente. O enfermo procura o terapeuta quando está doente, mas também constela em seu interior uma imagem de curador, de terapeuta. Chama essa constelação de “fator de cura”, sem o qual o terapeuta exterior nada pode fazer.

Resumindo, conforme WHITMONT (1994), enquanto Freud via na transferência uma repetição das relações neuróticas com os pais na figura do analista, Jung a vê não como apenas complexos pessoais projetados, mas como aspectos arquetípicos que surgem como se pertencessem ao terapeuta. Assim, não se trata somente de reviver distorções pessoais, mas de realizar potenciais arquetípicos aí constelados. Ou seja, a relação analista x paciente favorece o surgimento espontâneo de complexos e arquétipos mais críticos que buscam atingir a consciência sendo vivenciados através da projeção no analista.

A literatura junguiana tem destacado a posição central da noção arquetípica da transferência. STEIN (1999, p. 237) vê no uso da transferência um instrumento para expandir a consciência e a diferenciação, possibilidade de experimentar constelações arquetípicas críticas com o analista e como forma de distanciar-se de uma fixação arquetípica e caminhar para relações humanas mais individuadas. O objetivo da transferência, para além da retirada total das projeções, proporcionaria um aprendizado de habilidades de internalizar, ou seja, reconhecer e retirar as constelações arquetípicas, que são muito diversas. “Analista e analisando são

imediatamente lançados nos papéis arquetípicos de Médico-Paciente, Professor-Aluno ou Pai/Mãe-Filho(a)”. HILLMAN (1992) também cita formas diversas de relação transferencial através da visão da psicologia arquetípica, chamando essas relações de *tandens mitológicas*. Elas possibilitam o “exame de diversas formas de relações eróticas, suas retóricas e expectativas, os diferentes estilos de sofrimento e as reciprocidades entrelaçadas que cada *tandem* impõe”.

De forma parecida, LÓPEZ-PEDRAZA (1989) afirma que os diferentes deuses possuem diferentes psicologias e configurações arquetípicas, o que implica em diversas maneiras transferenciais. A partir dessa perspectiva, podem acontecer constelações diferentes de arquétipos entre analista e paciente.

O que significa dizer que a transferência e a contratransferência são fenômenos de natureza arquetípica? Em primeiro lugar, significa dizer que possuem profundidade, que são provenientes das camadas mais profundas do inconsciente humano e que, portanto, são padrões do psiquismo, comuns a todos os seres humanos. Por outro lado, a literatura junguiana demonstra, ao perceber uma fenomenologia diversa das possibilidades de relação transferencial, que ela representa mesmo um movimento arquetípico. Como tal, é um movimento com direção e com um fim específico, que é a individuação.

A primeira implicação importante da descoberta do caráter arquetípico das projeções entre analista e analisando é que, devido a isso, elas são naturais e acontecem espontaneamente. Quando se pensa em transferência como uma projeção, também se chega a esta conclusão. Naturalidade e espontaneidade são características da projeção. Valorizando a transferência, JUNG (1971, p. 35) afirma:

Creio que não é exagero supor que praticamente todos os casos que requerem um tratamento prolongado gravitam em torno do problema da transferência. Além disso, ao que tudo indica, o êxito ou fracasso do tratamento tem, no fundo, muito a ver com ela. Este fenômeno não pode, portanto, ser ignorado, nem contornado pela psicologia; nem tampouco deveria a terapêutica dar a entender que a “solução da transferência” seja coisa clara, simples e natural.

A psicologia analítica não concorda com a psicanálise quanto à necessidade de criação artificial de uma neurose de transferência. Ou seja, não entende que é artificial. JUNG (1971, p. 41) afirma que é um fenômeno que também ocorre “independentemente de qualquer tratamento, e até com bastante freqüência, como um fato natural. Quase toda relação mais ou menos íntima entre seres humanos

implica fenômenos de transferência, sejam eles favoráveis ou molestos”.

Embora pareça consciente, a projeção entre analista e analisando tem extensões profundas inconscientes que aparecem como se fossem do objeto. Exemplo disso é a situação em que o analista interpreta a projeção do paciente nele ou em outra pessoa, o que é satisfatório para o analista acaba não o sendo para o paciente, que continuará mantendo a projeção, pois ela é automática e espontânea. “O fato simplesmente acontece, ninguém sabe como. A coisa está lá e acabou” (JUNG, 1985a, p. 128).

Projeção e transferência são fenômenos naturais vividos em toda relação. As projeções são freqüentemente os suportes de uma relação humana. Aprendi que é um perigo sério fechar-se dentro deste jogo. Só temos a ganhar com a desmistificação da relação analítica, porque ela escraviza tanto o analista como o analisando. [...] quando o terapeuta se humaniza na relação com o outro, este tem a possibilidade de se abrir e de viver seu desenvolvimento (BONAVENTURE, 1985, p. 86).

Um terapeuta humano é um terapeuta que reage humanamente. Isso implica em uma relação mais honesta, mesmo quando permeada por projeções mútuas que são inevitáveis, como visto. O caráter inevitável endossa a condição inconsciente e, ainda, arquetípica dos fenômenos em questão.

A transferência/contratransferência, como condição *sine qua non* do trabalho analítico, é o ingrediente vital na reparação de atrofias de desenvolvimento e na finalização do processo interminado da infância. Além disso, ela anuncia o surgimento dos aspectos que despontam ou se desenvolvem na psique e intensifica a busca de novos começos e soluções na luta inata pela plenitude. Mediante o uso da transferência/contratransferência, ganhamos renovada compreensão da interação entre a história pessoal do indivíduo e seu desenvolvimento arquetípico (MACHTIGER, 2000, p.112-113).

Concordando com a essencialidade dos fenômenos de transferência e contratransferência, MACHTIGER (2000, p. 114) diz que, com bases na projeção e introjeção, são fenômenos universais presentes nas experiências de vida, sendo que a análise não os cria; simplesmente lhes dá vida. Não há separação entre o interpessoal e o intrapsíquico, de forma que “todas as reações transferenciais são reações a eventos contemporâneos e podem ser realistas ou não, adaptativas ou não. A vida, em seu todo, é transferencialmente determinada por fatores inconscientes. Toda interação humana envolve o intrapsíquico”.

Aprofundando a noção arquetípica da transferência e contratransferência, GAMBINI (2008, p. 182) afirma que “a transferência é a manifestação

contemporânea, observada e teorizada na terapia, de um fenômeno geral, um comportamento arquetípico, no sentido de que ele é anterior às formas culturais, sendo antes de mais nada uma pulsão de busca por um outro que nos compreenda”.

Apesar da grande utilidade desse entendimento da transferência e contratransferência como fenômenos arquetípicos, FORDHAM (1978) argumenta contrariamente, dizendo ser aparente que, ao analisar-se a *neurose de transferência*, padrões arquetípicos emergem durante o trabalho pessoal. Para ele, infere-se que, como Jung praticamente excluiu os aspectos pessoais da transferência em seu ensaio, parte-se da idéia de que as questões pessoais devem aparecer da *transferência arquetípica*, de forma inversa à referida *neurose de transferência*. O autor separa a transferência em duas qualidades. Afirma ainda que o tratado de Jung é incompleto ao omitir o fato de que as formas arquetípicas são desenvolvidas na história do paciente, a partir de sua infância.

A preocupação de Fordham é importante, mas não concordo com seu ponto de vista mais geral. Entendo que a análise do pessoal, previamente ao coletivo, não exclui da transferência e da contratransferência seu potencial arquetípico. Obviamente, os arquétipos envolvidos nas projeções entre analista e analisando nunca serão acessados diretamente. De forma que as imagens sempre terão entonações pessoais envolvidas, e somente serão vivenciadas a partir do pessoal.

O próprio JUNG (1987, p. 51) faz sua defesa quando dá importância às reduções de Freud e Adler. Ressalta a indicação desses métodos para muitos casos em que neuroses aparecem. Destaca que o problema dos opostos e do contato profundo com o Si-mesmo é um problema da idade madura. De modo que o “tratamento prático de um paciente nunca vai começar por este problema – principalmente o de um jovem”. Em outro momento, JUNG (1985) demonstrou que a psicoterapia ocorre em etapas, e a análise reductiva é parte integrante da análise. Senão de toda, da grande maioria.

O que ele quer dizer é que o tratamento se inicia com foco nas questões pessoais, ao contrário do que Fordham criticou. E através do pessoal, percebe-se o coletivo ou arquetípico. De modo diferente, WEINER (2009) distingue entre o trabalhar *na transferência* e trabalhar *com a transferência*. Demonstra que seu trabalho contém essas duas possibilidades, sendo que sua clínica acontece no entorno da transferência (isto é, no campo transferencial) o tempo todo. Ao mesmo tempo, ele diz que interpreta os conteúdos projetados com certa frequência. A



transferência é o ponto central da análise, desde que se perceba que somente com um relacionamento vivo no consultório a mudança é possível. No entanto, não se pode concordar que há transferência em todos os conteúdos, pois se todas as interpretações forem leituras dos complexos do paciente projetados no analista, então seria o caso de um reducionismo.

Portanto, há uma base arquetípica que subsidia o contexto analítico específico e pessoal que será vivenciado. Há um contexto de transferência contornado o tempo todo pela análise. Isso não quer dizer que tudo deva ser interpretado de forma reducionista, ou seja, há partes da transferência que devem ser analisadas e outras que não estão ligadas aos complexos do paciente. Todas, porém, são formas importantes da psique cumprir com seu papel de integração, de individuação. Por isso, algumas imagens arquetípicas foram utilizadas pelos autores da psicologia analítica para amplificar esse fenômeno tão complexo e rico que é a transferência/contratransferência, bem como para explicar essa amplitude do que vai além do pessoal.

## 7 IMAGENS DA RELAÇÃO ANALÍTICA

A partir do ponto de vista que vem sendo empregado, as relações de transferência e contratransferência são parte de um processo amplo de unificação de opostos, transformação e, por fim, individuação. Desse modo, há uma diversidade imensa nas possibilidades de expressão dessas relações. Algumas delas serão trabalhadas para que possamos aprofundar os aspectos relevantes da transferência junguiana.

STEIN (2000, p. 74) entende que a visão junguiana destacou na dinâmica transferencial um processo xamânico de cura, em que analista e analisando se vivenciam como semelhantes, em estado de identificação psicológica. Trata-se de uma “contaminação” em que um e outro experimentam as mesmas inquietações psíquicas. Mas além dessa contaminação, o analista também encontra uma forma de curar: “analisando a constelação psicológica interior criada por essa doença; examinando sonhos, associações e outros materiais inconscientes relevantes ao problema; procurando símbolos que emergem do inconsciente e representam o fator de cura em jogo”. Muito dessa interação acontece via conexão inconsciente, de forma que todo o ser do analista é envolvido no processo de contratransferência/transferência.

“A influência curativa da personalidade do analista, constelada em reação à doença interiorizada pelo analisando, gera neste um efeito curativo, pois o processo de autocura do analista deflagra um processo semelhante na psique do analisando”. Ou seja, são forças de doença e cura que envolvem a relação analítica. “As forças interiores de cura deste [paciente] são ativadas pela – ou em torno da – imago curadora do analista” (STEIN, 2000, p. 75).

STEIN (2000) entende que a cura pelo ciclo xamânico é comparável ao estado de *participation mystique* conceituado por Jung. A situação em que analista e analisando afetam-se e deixam-se afetar um ao outro é importante, mas é preciso vislumbrar seus riscos. Destaca o risco da tentação do simplesmente deixar-se levar por esse fluxo na esperança de uma cura mágica. É importante detectar sua ocorrência e compreender o que significa e como funciona.

A cura pelo ciclo xamânico é um processo que muito se aproxima à imagem do curador ferido, muito referida na literatura junguiana. Trata-se do mito de

Esculápio, ou Asclépio, hoje muito utilizado como símbolo da medicina.

Esculápio foi filho do deus Apolo e da humana Corônís, entregue para ser criado por Chíron, o centauro, com quem seria educado. Com ele, aprendeu os poderes medicinais das ervas existentes no vale em que habitava, em especial a erva chamada “chirônio”, que curaria mordidas de cobras. Ela curaria até mesmo a ferida de Chíron, mas esta era incurável. “O paradoxo de que aquele que está sempre curando permanece eternamente doente ou ferido, parece estar no centro do mistério da cura”. De modo que há importância no conhecimento de uma ferida que foi também experimentada por aquele que cura (GROESBECK, 1983).

É notável que existe relação deste mito com a relação transferencial. Segundo GROESBECK (1983, p. 77):

O paciente busca externamente alguém que o cure, um médico. O médico sai ao encontro dos pacientes, como é sua vocação. Apresenta-se com todas as prerrogativas da sua profissão, treinamento específico, técnicas, reputação, autorização, etc. No paciente, mobilizado por sua doença, ativa-se “aquele que cura, ou médico interior”. Este, no entanto, não se integra à consciência, sendo projetado e constelado pela persona do médico. Da mesma forma, no médico ativa-se o seu lado interior ferido, sua própria doença – psíquica, somática, ou ambas – ainda não resolvida – ao entrar em contato com a pessoa enferma. Este outro pólo da imagem arquetípica é mais projetado sobre o paciente do que vivido no plano interior.

A imagem de Esculápio reúne algumas das questões importantes destacadas por Jung quanto à transferência. O curador ou médico, figura que pertence ao potencial arquetípico de qualquer pessoa, é transferido ao analista. Já a figura do doente ou aquele que sofre, que também existe potencialmente no analista, é projetada no paciente. O trabalho de unir opostos, papel da análise conforme discutido anteriormente, servirá justamente para que o analista entre em contato com sua doença interior – constelada pelas feridas do paciente – e assim possibilite ao paciente que constele seu curador interior.

“A verdadeira cura só pode acontecer quando o paciente entra em contato com o seu “médico interior” e dele recebe ajuda”, o que só acontece quando as projeções sobre o médico são retiradas. Para isso, é preciso que o médico tenha contato com seu lado ferido, o que depende ainda de retirar sua própria projeção da doença sobre o paciente (GROESBECK, 1983).

Uma importante implicação dessa forma de pensamento é que o analista não pode “esconder feridas ou fraquezas; deve-se na verdade confrontá-las e trazê-las à consciência, quando se tem a esperança de um dia tornar-se um genuíno

médico-ferido”. Em outras palavras, “ser um curador requer também que às vezes o lado ferido, as tais áreas vulneráveis, deva ser constantemente submetido à exposição do lado sombrio da vida real, para se ficar com as mãos sujas e se conseguir manter em contato com o que quer que seja que os pacientes tragam” (GROESBECK, 1983, p. 94).

Mais uma vez, de outro modo, diz-se da importância da sombra do analista e do reconhecimento sobre as feridas e fraquezas. A análise junguiana propõe-se a abrir-se ao mundo, mostrando suas fraquezas. Desse modo, aceita a possibilidade de uma completez sobrepor ao sucesso, pois inclui em si-mesmo as fraquezas, erros, tropeços, etc.

Se assim não for, um pólo do arquétipo pode ser reprimido e projetado. O paciente poderá projetar seu médico interior, dando total responsabilidade ao terapeuta, dependendo dele para tudo, obedecendo-o incondicionalmente. O terapeuta poderá projetar suas feridas no paciente, achando-se forte e protegido, sendo então pouco humano, pouco envolvido e sem possibilidades de constelar o terapeuta interior do paciente (GUGGENBÜHL-CRAIG, 2004).

Além da função xamânica ou de curador, outra metáfora para a contratransferência é a maiêutica, segundo STEIN (2000). Ele entende que sob esse ponto de vista, o analista age como parteiro num movimento de nascimento psíquico no qual “algo mais profundo, mais justo e mais amplo” emerge à atitude consciente. É como se o analista assumisse um papel de assistente num processo criativo que se desenrola na psique do analisando. A metáfora básica desse processo é a do nascimento.



Figura 3 – O novo nascimento  
Fonte: JUNG (1971)

O nascimento é imagem importantíssima dentro do tratado de JUNG (1971) sobre a transferência. O processo de *coniunctio* que permeia toda a relação analítica resulta, como qualquer confronto de opostos, o nascimento de um terceiro. *O novo nascimento* intitula o capítulo dedicado à imagem do *Rosarium philosophorum* que demonstra o *filius philosophorum*, ou filho dos filósofos. Trata-se da *lapis* dos alquimistas, uma imagem do hermafrodita, que contém o paradoxo dos opostos.

O tema do novo nascimento já foi trabalhado anteriormente, quando se falou da união dos opostos e da função transcendente. Essa é a imagem que transcende e, ao mesmo tempo, contém os opostos. Contudo, é uma imagem bizarra, até um tanto assustadora. Para entendê-la, é preciso dedicar-se ao tema da psicologia de Hermes.

Hermes é o mensageiro dos deuses, faz a conexão entre eles, é o vinculador, o mestre da persuasão, gatuno e guia das almas, instrutor de Asclépio e companheiro interior do terapeuta (LÓZES-PEDRAZA, 1989).

Se, por um instante, imaginamos um psicoterapeuta que insiste bastante no aspecto dignificado de sua personalidade, podemos concluir sem muita necessidade de especulação, que ele tem pouco contato com Hermes. Se nós, psicoterapeutas, nos comportamos de modo excessivamente dignificado no nosso trabalho, então como entrar em contato com aquela parcela dos pacientes que, principalmente, procuram os analistas para discutir os aspectos não dignos de suas vidas? Só um Hermes alheio à dignificação na pessoa do analista pode constelar uma comunicação com o lado sem dignidade da vida, e pode avaliar hermeticamente o que foi relatado como desprovido de nobreza. Só essa avaliação hermética do não dignificado no outro (e aqui, seguimos Otto em sua visão do “não-dignificado” quando o compara à dignidade de Apolo e Atena), pode fornecer aquele entendimento profundo de importância fundamental para a psicoterapia. A psicoterapia não é um trabalho excelso e a constelação desse aspecto básico de Hermes precisa ocorrer no nível assinalado por essa dimensão não dignificada.

Ao lado das observações proporcionadas pela face não dignificada de Hermes está seu papel de servo dos deuses. A arte da psicoterapia é uma servidão. [...] quando o analista prefere manter-se aferrado ao lado dignificado da vida não é mais servo do processo, e dessa maneira pode mostrar-se propenso a uma identificação com o arquétipo do curado em suas múltiplas manifestações. Ao insistir em sua dignidade, ele é menos capaz de ser um servo do processo de cura (LÓPEZ-PEDRAZA, 1989, p. 21-22).

Hermes está ligado à proteção dos limites próprios e, por isso também, à conexão com o exterior. O que a citação anterior vem ressaltar é que Hermes contém o aspecto não dignificado, o que não é sinônimo de vulgaridade. Novamente, destaca-se a relação do analista com esses aspectos que num senso comum seriam vistos como *ruins*.

Além do mais, é preciso destacar o mundo de Hermes como um mundo não heróico. Na psicoterapia, enquanto uma aventura pelo inconsciente, percebe-se que a atitude heróica é superficial diante das exigências de um tal empreendimento. De modo que Hermes oferece o exemplo de atitude não-heróica e de sorte, necessárias à aventura na psicoterapia. Uma imagem de herói identificado ao curador mostra-se inaplicável “a uma psicoterapia hermética, cujo objetivo é a aventura de mobilizar a pessoa ao longo dos caminhos de sua profundidade psíquica” (LÓPEZ-PEDRAZA, 1989, p. 24).

Enquanto aquele que faz conexões, Hermes é amistoso. Não luta com os deuses e deusas, não tem necessidade de lutar para manter seu centro. Hermes é no homem como que um anfitrião que recebe os complexos centrados nos outros deuses, favorece as conexões permitindo que a vida psíquica e a psicoterapia se movimentem (LÓPEZ-PEDRAZA, 1989).

A partir de toda essa caracterização de Hermes, o autor entende que essa é uma figura que representa de modo interessante as possibilidades de atuação em psicoterapia; o que envolve, portanto, a transferência e a contratransferência. Para ele, as características de fazer conexões, vincular, guiar almas e ser um companheiro interno são imprescindíveis para uma psicologia que visa movimentar a psique do sujeito.

LÓPEZ-PEDRAZA (1989, p. 43) demonstra ainda que a figura do Hermafrodita também apresenta, enquanto uma das formas de Hermes, aspectos importantes do processo que se desenrola na análise:

A imagética do Hermafrodita implica em uma decidida indicação do movimento tanto transferencial como psíquico na psicoterapia. Contudo, naquilo que estamos chamando de movimento transferencial, não podemos deixar de lado a necessária consciência hermética bissexual do analista, porque ao liberar a imaginação das polaridades sexuais, ela pode constelar um movimento psicológico que, em si, não é nem masculino nem feminino. Essa espécie de transferência, que não é “apreensível” dentro das polaridades e associações de “homem” e “mulher”, não paralisa os complexos; pelo contrário, encoraja um movimento psicológico mercurial. Ela tem uma conotação realmente muito diferente da que lhe foi atribuída pelos pioneiros vienenses da psicologia moderna. É isso que faz do Hermafrodita um dinamismo tão profundamente importante e fundamental para aquela psicologia que, de acordo com Jung, não precisa, ou melhor dizendo, tenta prescindir de uma transferência concreta, e que empenha-se em promover a transferência hermética, cujo possível resultado seria a síntese hermafrodita.

De modo algum, isso significa uma questão simples para o analista, considerando que ele tem de apreender a transferência segundo o ponto de vista de Hermes-Hermafrodita, e refletir os símbolos e as imagens que procedem dos complexos, a fim de avaliar o movimento transferencial que

eles imprimem, em vez do conflito transferencial.

Desse modo, podemos compreender mais profundamente o que Jung delineava com o nascimento do Hermafrodita. A conclusão do processo de transferência/contratransferência, assim como toda a condução do processo de análise, passa pelo paradoxo representado por Hermes. E o paradoxo é o resultante de um conflito de opostos integrado, sintetizado.

Reunindo os atributos da imagem de Hermes e do Hermafrodita, LÓPEZ-PEDRAZA (1989, p. 51-52) relaciona a transferência a um movimento psíquico vital. Quer dizer que a relação construída na análise é um modelo, serve de guia para uma vida mais psicológica e, conseqüentemente, mais significativa para o homem:

Na qualidade de entidade bissexual, o Hermafrodita, com sua natureza limítrofe hermética em que a sexualidade e a fantasia se encontram, é um mobilizador psíquico constantemente assinalando o relacionamento transferencial que temos com os nossos complexos e a nossa patologia. Isto não é simplesmente uma transferência terapêutica curativa, e sim mais viver toda uma existência em termos do movimento transferencial. Nossa memória, nossos relacionamentos com os outros, nossa visão de mundo, e de nós mesmos, metamorfoseia-se em vida. Em termos explícitos, viver a vida é mais importante do que a ilusão de uma realização concreta alcançada através de uma psicoterapia.

Se o movimento na vida é o que realmente se obtém da psicoterapia, então o movimento que o analista imprime à sua própria vida é fundamental para que ele venha a ter condições de constelar no outro um movimento em sua vida; seu movimento transferencial em relação aos próprios complexos é a substância que produz a psicoterapia, e não uma técnica fixa ou uma noção preconcebida. Encontramos uma nova perspectiva segundo a qual entender o termo "transferência". É movimento na vida.

STEIN (1998) utilizou-se também da imagem do hermafrodita, a figura 10 do *Rosarium*, para demonstrar suas idéias referentes a relacionamentos transformadores. Para ele, os relacionamentos que propiciam ao par conectado um contato profundo, para além da consciência, são relações que transformam. E delas surgem imagens representativas dessa união. Ele diz que o relacionamento torna-se um fator dinâmico que muda ambos os envolvidos na direção de uma imagem de integração e completude. É uma imagem que carrega consciente e inconsciente, masculino e feminino, bem e mal, em um conjunto de polaridades integradas. Não se trata de um parceiro tornar-se mais parecido com o outro, mas sim de ambos aproximarem-se de uma imagem compartilhada de completude. O autor cita o casamento e mesmo a análise como possíveis relações transformadoras.

As imagens apresentadas aqui representam apenas parte de todo o potencial arquetípico dos fenômenos da transferência e contratransferência.

Hermes, Esculápio, o xamã, o curandeiro e a *coniunctio* são faces diferentes da imensa variedade de possibilidades dentro da relação analítica. Todas elas fazem parte do trabalho com a alma que é realizado no espaço da psicoterapia. Olhar para elas é enriquecer a alma do *fazer análise*.



## 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O caminho que direciona o aprofundamento das questões práticas na psicologia analítica ainda é longo. É preciso ampliar as discussões quanto ao fazer análise junguiano. Para isso, precisamos cada vez mais concordar e agir conforme a proposição de implicar-se no processo, a qual Jung tanto destacava. Nosso saber é construído a cada dia, a cada discussão e a cada análise. Enquanto analistas, é nosso dever dedicar-nos a questionar nossa práxis e nossos métodos. Na realidade, é dever questionar a nós mesmos a todo o momento.

Esse questionar deve-se à complexidade do fenômeno humano e, principalmente, à vasta gama de possibilidades existentes na relação analista/paciente. Relação essa permeada pelo desconhecido, pelo encontro de duas almas inconscientes que influenciam uma a outra.

É visto que os conteúdos do inconsciente se projetam. Transferência e contratransferência são formas de projeção. Para Freud, a transferência será então a projeção de um inconsciente que é formado por desejos sexuais infantis reprimidos. O inconsciente para Jung é muito mais amplo. Inclui potenciais não desenvolvidos, criatividade, elementos opostos à consciência e imagens profundamente arraigadas (arquetípicas). A transferência toma então outra amplitude.

Em Freud, tratava-se de um movimento repetitivo, que mantinha o sujeito se relacionando com o analista sempre de formas infantis, estereotipadas e paralisantes. Por isso, era importante curar a neurose de transferência. Esse pensar psicanalítico é ainda muito arraigado, mostrando-se presente e influente na literatura junguiana. A ligação direta entre a transferência e aspectos eróticos fez com que Jung, em muitas ocasiões, desejasse eliminar a obrigatoriedade da relação transferencial. Assim como a energia psíquica, cuja sexualidade era apenas uma dentre as diversas expressões, a transferência e a contratransferência tinham para ele uma variação muito maior.

Pensando apenas na projeção de potenciais não desenvolvidos, a transferência torna-se um fenômeno mais que importante para o andamento da análise e para o autoconhecimento. Não é preciso mais resolver a neurose transferida, ela não é mais um problema, embora ainda seja importante

conscientizar-se das projeções.

Tomar consciência equivale a retirar uma projeção. Como vimos, a projeção é o movimento dos conteúdos inconscientes, que se *engancham* em algumas pessoas ou imagens. Lançados para fora, esses conteúdos podem trazer sofrimento e dor àquele que projeta, mas somente enquanto houver uma paralisação no processo. Sim, a projeção é um processo que pode estagnar. Mas sua natureza não é essa. As projeções nascem porque possuem um fim. A visão prospectiva da psicologia analítica nos permite vislumbrar assim. O objetivo pelo qual uma projeção se origina é este: o conteúdo que se projeta busca retornar à consciência, se lança em busca de um gancho que seja forte para segurá-lo e chamativo para que o sujeito o perceba, sofra, e o recolha. No fim, a descoberta é aquela que proporciona o crescimento do próprio sujeito, que amplia sua consciência, integrando os conteúdos do seu inconsciente.

Com os processos de transferência e contratransferência a coisa não é diferente. Enquanto projeções, esses processos não são mecanismos de defesa para a perspectiva junguiana. São processos inconscientes, naturais e espontâneos, que têm origem para o fim de tornarem analisando e analista mais conscientes. Isso não significa um analista despreocupado com suas reações, mas sim que não busca evitá-las, mas percebê-las e trabalhar sobre elas.

O referido *trabalhar* é mais uma postura do analista, que humilde perante a vastidão do inconsciente, permanece em contato permanente com sua alma. A necessidade da análise para o terapeuta foi idéia de Jung, que destacava a importância disso em vista da grande possibilidade de contaminação presente no trabalho analítico.

WHITMOND (1969, p. 267) afirma que o encontro analítico é um processo recíproco, sendo que a contratransferência corresponde á transferência:

O terapeuta também tem complexos e predisposições arquetípicas ainda não conscientizadas que resultam em projeções e formas variadas de envolvimento emocional; mas se o encontro terapêutico tiver de se tornar uma possibilidade realista, o terapeuta deve ser capaz de se conscientizar da natureza e do significado de suas projeções no analisando, não deve envolver-se nem distanciar-se completamente. Ele tem de ter um pé dentro, mas também um pé fora. A contratransferência não deve ter o mesmo caráter inteiramente envolvido e inconsciente que a transferência.

Há mesmo uma diferença, embora o mecanismo seja o mesmo: projeção. É natural, inevitável, espontâneo e inconsciente. Entretanto, o analista deve ser mais

consciente, ou já ter vivenciado contatos profundos com seus conteúdos inconscientes. Isso não quer dizer que ele não vá mais projetar. Aliás, as projeções ainda acontecerão muito. O contínuo trabalho do analista sobre sua alma permite que as tomadas de consciência e as retiradas de projeção sejam mais rápidas e sirvam como instrumentos para a caminhada da análise. Muitos conteúdos constelados com um novo paciente podem ser conteúdos já antes visitados, mesmo que estejam agora inconscientes. Voltam a ser projetados, pois não podem estar conscientes o tempo todo, mas agora são mais facilmente percebidos e integrados, mesmo que não apareçam de forma idêntica.

Desse modo, o contato permanente com seu inconsciente deixará o analista mais pronto para perceber suas reações, sentimentos e fantasias àquilo que é constelado na análise. Isso serve de justificativa para evitarmos o uso de qualidades como *ilusória*, *positiva* ou *negativa* para caracterizar a contratransferência ou mesmo a transferência. Há uma imensa distância em dizer que a contratransferência é *negativa* e dizer que o analista não pôde perceber suas manifestações inconscientes direcionadas ao paciente.

Há grande interesse dos junguianos, em geral, pelo material mais inconsciente e arquetípico, tal qual sonhos, símbolos e desenhos, o que é motivo de duras críticas em diversos momentos. O estudo simbólico da transferência ainda é muito desvalorizado, mesmo no meio pós-junguiano. Na maioria das vezes, a crítica é feita porque a abordagem simbólica estaria esquecendo-se das questões pessoais envolvidas na transferência e na contratransferência. Talvez possamos pensar que mesmo esse material (sonhos e fantasias) é fruto da transferência enquanto material originado em função da relação estabelecida e em função das emoções ali geradas. Além disso, o material simbólico passa pela transferência quando é contado no contexto da análise, dirigido ao analista. Mais que isso, todo esse material vem recheado e colorido pelas vivências pessoais do sujeito, lado nunca esquecido por Jung, que sempre valorizou também a análise redutiva como parte importante do processo.

Olhando para o processo da *coniunctio*, podemos perceber que são etapas de reunião de opostos, ou seja, de retirada de projeções. Podemos nos perguntar: isso passa necessariamente por uma projeção neurótica no analista? Outras projeções externas, nos personagens oníricos – por exemplo – não são também passíveis de se incluir nesse processo de conjunção? Se o são, é possível entendê-

los como parte da transferência. Parece que sim, e que o papel do analista está sempre presente, como aquele que estimula a alma a realizar seu papel.

O esquema quádruplo da transferência junguiana, modelo utilizado no mito de Esculápio inclusive, serve para percebermos que há várias conjunções acontecendo. Analista e paciente podem ser entendidos como opostos que se integram. Consciência e inconsciente de cada um deles também, enquanto projetam-se um no outro, realizam funções transcendentais em suas próprias psiques.

Assim, o estudo do material simbólico, feito sistematicamente por Jung, resultou na grande descoberta de que a análise é um processo cujo objetivo é a *coniunctio*, a conjunção dos opostos. Isso amplia os fenômenos da transferência e contratransferência muito além do caráter infantil e erótico. Sob essa perspectiva, é possível vislumbrar os processos transferenciais e contratransferenciais como facilitadores do contato do paciente com seu mundo interior.

No campo de transformação da análise, proporcionado pelo *vaso alquímico* – seguro e protegido – da sala do consultório, a relação com o analista ritualiza e simboliza a relação com a alma. Ou seja, a análise mobiliza o sujeito para conectar-se a si-mesmo. E é nesse sentido que a figura de Hermes nos fornece um belo exemplo. É um exemplo de que a conexão e o movimento são aspectos essenciais de um processo de análise. Não só isso, mas também de que a completude buscada através da transcendência e da individuação inclui os opostos, belos e feios, bons e maus, sucessos e fracassos.

Portanto, percebe-se a função transcendente como o grande papel a ser cumprido pelo analista. É a partir dela que a ponte entre os opostos será estruturada e a movimentação da alma ocorrerá. Assim sendo, percebe-se que os processos de transferência e contratransferência são parte importante de um *trabalhar a alma* na análise. E ao *fazer alma*, através da transferência e da contratransferência, o analista estará conectado ao seu papel de promover a individuação, papel esse que nasce com o movimento da projeção, que espera ser recolhida.

## REFERÊNCIAS

BONAVENTURE, Leon. Entrevista. In: PORCHAT, Ieda. & BARROS, Paulo. **Ser terapeuta: depoimentos**. São Paulo: Summus, 1985.

FORDHAM, Michael. **Jungian psychotherapy: a study in analytical psychology**. London: Maresfield Library, 1978.

FREUD, Sigmund. **O caso Schreber, artigos sobre técnica e outros trabalhos**. Edição Standard das Obras Completas de S Freud. Vol. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

GAMBINI, Roberto. **A voz e o tempo: reflexões para jovens terapeutas**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.

GAMBINI, Roberto. **O espelho índio: os jesuítas e a destruição da alma indígena**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1988.

GOODHEART, William. B. Êxito e fracasso de intervenções na análise junguiana: a construção/desconstrução do círculo fascinante. In: SCHWARTZ-SALANT, Nathan. & STEIN, Murray. (org.). **Transferência contratransferência**. São Paulo: Cultrix, 2000.

GROESBECK, C. Jess. A imagem arquetípica do médico ferido. In: **Junguiana Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica**. Vol. 1, n.º 1, p. 72-96, 1983.

GUGGENBÜHL-CRAIG, Adolf. **O abuso do poder na psicoterapia e na medicina, serviço social, sacerdócio e magistério**. Rio de Janeiro: Achiamé, 2004.

HALL, James. A. **A experiência junguiana: análise e individuação**. São Paulo: Cultrix, 1986.

HALL, James. A. Sonhos e transferência/contratransferência: o campo transformador. In: SCHWARTZ-SALANT, Nathan. & STEIN, Murray. (org.). **Transferência contratransferência**. São Paulo: Cultrix, 2000.

HILLMAN, James. **Estudos de psicologia arquetípica**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1981.

HILLMAN, James. **O livro do puer**. São Paulo: Paulus, 1989.

HILLMAN, James. **Psicologia arquetípica: um breve relato**. São Paulo: Editora Cultrix, 1992.

JACOBY, Mario. **O encontro analítico: transferência e relacionamento humano**. 2 ed. São Paulo: Cultrix, 1992.

JUNG, Carl Gustav. (1971). **Ab-reação, análise dos sonhos, transferência**. 6 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.

JUNG, Carl Gustav. (1971a). **A natureza da psique**. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

JUNG, Carl Gustav. (1985). **A prática da psicoterapia**. 9 ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

JUNG, Carl Gustav. (1973). **Cartas de C. G. Jung: volume III**. Petrópolis: Vozes, 2003.

JUNG, Carl Gustav. (1985a). **Fundamentos de psicologia analítica**. 12 ed. Petrópolis: Vozes, 1981.

JUNG, Carl Gustav. (1990). **Mysterium coniunctionis: pesquisas sobre a separação e a composição dos opostos psíquicos na alquimia**. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

JUNG, Carl Gustav. (1971b). **O eu e o inconsciente**. 20 ed. Petrópolis, Vozes, 2007.

JUNG, Carl Gustav (org.). (1964). **O homem e seus símbolos**. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

JUNG, Carl Gustav. (1976). **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. 6 ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

JUNG, Carl Gustav. (1991). **Psicologia e alquimia**. 4 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

JUNG, Carl Gustav. (1987). **Psicologia do inconsciente**. 16 ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

JUNG, Carl Gustav. (1986). **Resposta a Jó**. 6 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

JUNG, Carl Gustav. (1973a). **Símbolos da transformação**: análise dos prelúdios de uma esquizofrenia. 6 ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

JUNG, Carl Gustav. (1971c). **Tipos psicológicos**. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

LÓPEZ-PEDRAZA, Rafael. **Hermes e seus filhos**. São Paulo: Paulus, 1989.

MACHTIGER, Harriet Gordon. Reflexões sobre o processo de transferência/contratransferência com pacientes fronteiriços. In: SCHWARTZ-SALANT, Nathan. & STEIN, Murray. (org.). **Transferência contratransferência**. São Paulo: Cultrix, 2000.

NAGY, Marilyn. **Questões filosóficas na psicologia de C. G. Jung**. Petrópolis: Vozes, 2003.

PERRY, Christopher. Transference and countertransference. In: YOUNG-EISENDRATH, Polly & DAWSON, Terence. **The Cambridge companion to Jung**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

PETRUCCI, John. Wither. In: DREAM THEATER. **Black clouds & silver linings**. Manaus: Warner Music Brasil: Roadrunner Records, 2009. 1 CD. Faixa 3 (5:25). Acompanha um folheto com letras das músicas.

RAMOS, Denise. Entrevista. In: PORCHAT, Ieda. & BARROS, Paulo. **Ser terapeuta: depoimentos**. São Paulo: Summus, 1985.

SAMUELS, Andrew. **Countertransference, the imaginal world, and the politics of the sublime**. [S.l.], The Jung Page, 2003. Disponível em <http://www.cgjungpage.org>. Acesso em 14 ago. 2010.

STEIN, Murray. Poder, xamanismo e maiêutica na contratransferência. In: SCHWARTZ-SALANT, Nathan. & STEIN, Murray. (org.). **Transferência contratransferência**. São Paulo: Cultrix, 2000.

STEIN, Murray. **Transformation: emergence of the self.** Houston: Texas A&M University Press, 1998.

STEIN, Robert. **Incesto e amor humano: a traição da alma na psicoterapia.** São Paulo: Paulus, 1999.

STEINBERG, Warren. **Aspectos clínicos da terapia junguiana.** Editora Cultrix, São Paulo: 1990.

VON FRANZ, Marie-Louise. **Psicoterapia.** São Paulo: Paulus, 1999.

VON FRANZ, Marie-Louise. **Reflexos da alma: projeção e recolhimento interior na psicologia de C. G. Jung.** São Paulo: Cultrix/Pensamento, 1988.

WEINER, Jan. **The therapeutic relationship: transference, countertransference and the making of meaning.** Houston: Texas A&M University Press, 2009.

WHITMONT, Edward. C. **A busca do símbolo: conceitos básicos de psicologia analítica.** 2 ed. São Paulo: Cultrix, 1994.

WOODMAN, Marrion. Transferência e contratransferência na análise voltada para os distúrbios alimentares. In: SCHWARTZ-SALANT, Nathan. & STEIN, Murray. (org.). **Transferência contratransferência.** São Paulo: Cultrix, 2000.